



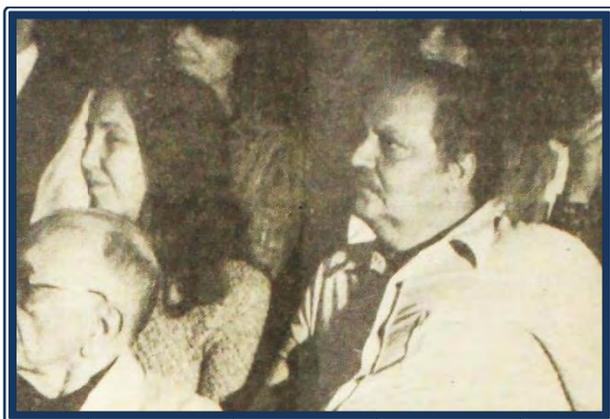
**UDESC**  
UNIVERSIDADE  
DO ESTADO DE  
SANTA CATARINA

**FAED**  
Centro de Ciências  
Humanas e da Educação



**IDCH**  
Instituto de Documentação e  
Investigação em Ciências Humanas

**Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas  
Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel**



**Artigos sobre Salim: Fundação Franklin Cascaes,  
Concurso Apesul e Editora da UFSC**

**Volume: 13**

Organização e Digitalização: Iraci Borszcz e Elisa Camillo  
Coordenação: Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

Florianópolis, 2016

## Sumário

Fundação Franklin Cascaes.....

Concurso Apesul.....

Editora da UFSC.....

## Sumário

Fundação Franklin Cascaes .....

Concurso Apesul .....

Editora da UFSC .....

Número	Referências
	<b>Fundação Franklin Cascaes</b>
001	FRANZT, Gisa. Salim Miguel promete sacudida na Fundação. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 03 de jan. 1993. Gente e idéias.
002	BOBSIN, Simone. Planos para a cultura municipal. <b>Diário Catarinense</b> . Florianópolis, 04 jan. 1993.
003	FEIJÓ, Marcia. Países latinos estarão no palco em 95. <b>Diário Catarinense</b> . Florianópolis, 01 nov. 1994. Variedades, p.4-5.
004	LEI Rosalino deverá ser alterada ainda esse ano. <b>O Estado</b> . Florianópolis, 02 ago. 1995. Cultura p. 12.
005	ARTE de fazer. <b>O Estado</b> . Florianópolis, 23 fev. 1996. p.4
006	CULTURA. <b>O Estado</b> . Florianópolis, 22 maio 1996. Informação Geral.
007	SALIM participa de reunião cultural na cidade de Vitória. <b>O Estado</b> . Florianópolis, 28 maio 1996. Cultura
008	NUNES, Claudine. CPI aprovada pela Câmara da capital. <b>AN Capital</b> . Florianópolis, 09 set. 1997. Política, p.3.
009	MENEZES, Cacau. Cadê o dinheiro? <b>Diário Catarinense</b> . Florianópolis, 11 set. 1997. Variedades, p. 3.
010	LAGO, Rodolfo. Prefeitura usa "laranja" para ter verba da Telebrás. <b>O Globo</b> . Rio de Janeiro, 21 set 1997. O país, p. 10.
011	COMISSÃO apura denúncia de desvio. <b>Diário Catarinense</b> . Florianópolis, 22 set. 1997. Geral, p. 33.
012	CARVALHO, Sandra. Caso da verba de festas vai para esfera judicial. <b>Diário Catarinense</b> . Florianópolis, 23 set. 1997. Geral, p. 30
013	SALIM Miguel contesta secretário. <b>Diário Catarinense</b> . Florianópolis, 23 set 1997. Geral, p. 31.
014	ENVOLVIDOS devem fazer acareação. <b>Diário Catarinense</b> . Florianópolis, 03 out. 1997, p. 35.
	<b>Concurso Apesul</b>
015	CORRÊA, Nereu. R. Magalhães Jr. [1979]
016	ESCRITORES chegam para final do concurso Apesul. <b>FM</b> . [s.l.], 24 out. 1979.
017	MAIORES nomes da literatura vão entregar Prêmio APESUL. <b>Correio do Povo</b> . Porto Alegre, 24 out 1979, p. 36.

018	FESTA final do Apesul 80 já reúne grandes nomes da literatura em Canela. <i>Correio do Povo</i> . Porto Alegre, 12 dez 1980. p.9.
019	Habitasul-Correio revela quatro escritores novos ao público leitor. <i>Correio do Povo</i> . Porto Alegre, 10 nov. 1981. p. 12.
	<b>Editora da UFSC</b>
020	CATARINENSES trazem para Feira a antologia do Varal Literário. <b>Folha da Tarde</b> . [S.I.], 10 nov. 1983. p. 25.
021	COMITIVA catarinense autografa à noitinha. <b>Correio do Povo</b> . Porto Alegre, 10 nov. 1983. p. 13.
022	EDUFSC completará 200 títulos neste ano. <b>O Estado</b> . Florianópolis, 12 mar. 1987.
023	EDITORAS de Universidades vão formar associação. <b>O Estado</b> . Florianópolis, 12 mar. 1987.
024	CARDOSO, Tayana. Muitos livros e poucos leitores. <b>O Estado</b> . Florianópolis, 08 nov. 1987. Leitura e lazer.
025	SILVA, Deonísio da. Novos. [S.I.], maio 1990, n. 35, p. 36.
026	SALIM Miguel esteve oito anos na EdUFSC. <b>Leitura &amp; Prazer</b> . Florianópolis, jul. 1994. Memória, p.8.
027	EDITORA da UFSC ganha a medalha Peregrino Junior. <b>O Estado</b> . Florianópolis, 01 dez. 1990. Cultura, p. 10.
028	DESTAQUE. <b>Diário Catarinense</b> . Florianópolis, 12 dez. 1990. Visor, p. 2.
029	DEIXANDO a UFSC. <b>Diário Catarinense</b> . Florianópolis, 22 abr. 1991. Visor, p. 2.
030	UFSC atrai editores de toda a América Latina. <b>Jornal Universitário</b> . Florianópolis, 10 maio 1991. N. 154. p. 4.
031	GUTIERREZ, Luiza; HOENKE, Neusa M. UFSC. <b>Jornal de Santa Catarina</b> , Florianópolis, 19 de nov. de 1991. Informe
032	EDITORA da UFSC completa 10 anos com 350 título. <b>A Notícia</b> , Joinville, 11 de maio de 1991. Variedades, p. 17.
033	FREDERICK, Donald F. Santa Catarina lidera o mercado de editoras. <b>Jornal do Brasil</b> . Rio de Janeiro, 19 maio de 1991. 1º caderno, p. 19.
034	EDITORA: dez anos muito bem comemorados. <b>Jornal Universitário</b> . Florianópolis, 20 de maio de 1991, p. 4
035	MUDANÇAS na editora da UFSC. <b>A Notícia</b> , Joinville, 24 de maio de 1991. p. 17.
036	NOVO diretor da editora da UFSC será Alcides Buss. <b>O Estado</b> , Florianópolis, 05 de jul. 1991. Cultura, p. 11.
037	NÃO é a realidade. <b>Jornal Universitário</b> . Florianópolis, 17 de jun. de 1991. P. 4
038	SAI salim entra Alcides. <b>Jornal universitário</b> . Florianópolis, 17 jun. 1991, p.4

039	UM barco que não fica a deriva. <b>Jornal Universitário</b> . Florianópolis, 30 set. de 1991, p. 4.
040	LOTH, Moacir. Há 25 anos fazendo livros e homens. <i>Leitura &amp; Prazer</i> . Florianópolis: Ed. Da UFSC, n.13, p. 8-9, out./nov. 2006.
041	BOAS mãos. <b>O Estado</b> , 15 de junho de 1983. Informação geral,
042	NA reitoria. <b>O Estado</b> , 19 de jun. de 1983
043	ESCRITOR vai dirigir editora. <b>A Notícia</b> , Joinville, 16 de jun. de 1983.
044	SALIM Miguel assume Editora da UFSC e fala no seu crescimento. <i>O Estado</i> , 16 de jun. de 1983.
045	MENESES, Cacau. Galinha da casa
046	EDITORA da Universidade Federal tem novo diretor. <b>Jornal de Santa Catarina</b> . 17 de jun. de 1983.
047	SALIM Miguel assume a Editora da UFSC. <b>A Gazeta</b> , 19 de junho de 1983.
048	SALIM Miguel assume a Editora da UFSC. <i>Correio do Sudeste</i> , Criciúma, 17, 18 e 19 de jun. de 1983.

CONCURSO APESOL

EDITORA DA U.F.S.C.

FUNDAÇÃO FLANKLIN  
CASCAES

# Salim Miguel promete sacudida na Fundação

**O NOVO SUPERINTENDENTE DA FUNDAÇÃO Franklin Cascaes garante que a idéia central de sua gestão é a integração entre a produção cultural e a população.**

O escritor e jornalista Salim Miguel foi escolhido pela Frente Popular para o cargo de Superintendente da Fundação Franklin Cascaes durante a gestão Sérgio Grandó na prefeitura de Florianópolis. Nome dos mais expressivos na cultura catarinense, Salim Miguel possui uma extensa bagagem como produtor cultural, tendo seu trabalho extrapolado inclusive as fronteiras do estado. Ele atuou durante muito tempo no eixo Rio-São Paulo, com participações significativas em jornais e na TV Manchete. Salim Miguel foi um dos fundadores do Grupo Sul que nos anos 50 renovou os conceitos de cultura em Santa Catarina. Além disso, foi mentor do primeiro e único longa-metragem produzido no estado. Salim Miguel é autor de vários livros, e sua atuação na Editora da UFSC foi decisiva para a mesma ser a terceira editora universitária do país, ficando atrás apenas da USP e da Unicamp.

**Em um primeiro momento, quais são as prioridades para a Fundação Franklin Cascaes?**

A princípio a questão primordial é o espaço e o quadro funcional. Atualmente, a Fundação ocupa um espaço mínimo. A curto

prazo teremos de encontrar um espaço físico adequado para instalarmos a Fundação, e montarmos o quadro funcional, ver quem fica da antiga equipe, quem sai e quem serão os novos integrantes da equipe. Eu gostaria de esclarecer que as decisões não serão pessoais. Existe um programa de trabalho definido pelos partidos que compõem a Frente Popular, e dentro deste programa está inserida a questão cultural. Trata-se de um documento de linhas básicas que analisa a necessidade, possibilidade e os recursos. A idéia central é a integração entre a produção e a população.

**E a visão pessoal sobre cultura?**

Na minha opinião, a cultura é um bem tão indispensável a uma comunidade como, por exemplo, a alimentação. Vivemos um país em crise permanente, onde as pessoas passam fome e é difícil

querer que tenham consciência da importância da cultura. Eu costumo fazer a seguinte comparação: qualquer pessoa medianamente culta sabe quem foi Homero, mas quem foi seu diligente poucos saberiam responder. Enfim, o que fica de um povo é a sua cultura, é o registro das civilizações.

**Qual a sua idéia a respeito do trabalho a ser desenvolvido na Fundação Franklin Cascaes?**

Só sei trabalhar em equipe e delegando atribuições, porque facilita a realização de um projeto um pouco mais ambicioso, e faz com que se tenha melhores resultados. Além disso, a distribuição de tarefas traz uma atuação mais ampla em todos os níveis. É melhor não prometer e fazer, do que ao contrário. O que posso dizer é que a Frente para a área de cultura, dar uma boa sacudidela em tudo

que está por aí.

**E os planos concretos para esta "sacudidela"?**

Um cadastramento minucioso dos produtores culturais terá que ser feito imediatamente. Depois, pretendo realizar reuniões setoriais com cada um deles para saber o que pensam, e de que maneira pensam agir e contribuir no sentido de difundir a cultura entre a comunidade florianopolitana. Na área de teatro, pretendo convocar pessoal para fazer espetáculos de bom nível e levá-los às várias comunidades, através de um caminho da Fundação. O objetivo é desmistificar a idéia de elite do teatro. Pretendo também ampliar a rede de bibliotecas municipais não apenas nas escolas, mas em clubes, centros comunitários, com o devido espaço e recursos para cada comunidade, além da literatura e lazer, com o devido incen-

tivo à participação. Outra meta é fazer cadernos da cultura popular da cidade em papel reciclado, com três finalidades: distribuí-los às escolas municipais, vendê-los a um preço acessível em livrarias e bancas, e enviá-los através de mala direta a algumas pessoas que poderiam atuar como colaboradores. Outro plano é a confecção de um informativo da Fundação que seria realizado em duas partes: na primeira estaria o resumo dos eventos e os resultados; na segunda, a programação para um período até o lançamento do próximo segmento. O objetivo é que as pessoas se informem antecipadamente e convenientemente a respeito das opções culturais com distribuição em escolas, hotéis, bares e restaurantes. Uma outra meta, a médio prazo, é promover a integração com as prefeituras de cidades do interior de Santa Catarina, Por-



Paulo Dutra

O escritor e jornalista Salim Miguel é nome de destaque na vida cultural de Santa Catarina desde os anos 50

to Alegre e Curitiba para viabilizar projetos de intercâmbio de realizações para reduzir custos: músicos, exposições e peças de teatro, com uma agenda corrida para região Sul.

**Existem algumas críticas quanto à excessiva atenção conferida pela Fundação Franklin Cascaes ao carnaval, em detrimento de outras manifestações culturais. Como você se posiciona a esse respeito?**

Já conversei com o prefeito e o futuro secretário de turismo sobre este assunto. A partir de agora, o carnaval como evento passa a ser responsabilidade da Setur. Apenas aspectos do carnaval como cultura popular deverão ter um tratamento conjunto entre a fundação e a Setur. A minha idéia é negociar a transferência de eventos que não tenham cunho eminentemente cultural, como festas comerciais, para outras áreas onde estejam melhor situadas.

**E a questão de falta de espaços para a cultura em Florianópolis?**

Esta é uma questão polêmica. O CIC e o TAC pertencem ao governo do estado. A minha opinião pessoal é de que a prefeitura não teria condições de assumir o custo operacional do CIC. O que queremos é negociar o TAC para a Fundação, pois o teatro, bem administrado, poderia prestar serviços importantes na área cultural, além de centralizar as manifestações, o que facilitaria o acesso para todos.

**Como escritor, você deve ter um plano específico para a literatura?**

O ideal seria uma ação conjunta com a Fundação Catarinense de Cultura e a Universidade, para resgatar títulos em coedição com editoras privadas ou públicas. E assim possibilitar que valores novos, que encontram mais dificuldades, tenham chance.

## ▼ MUDANÇAS

# Planos para a cultura municipal

O escritor Salim Miguel assume a Fundação Franklin Cascaes que, agora, vai ficar desvinculada da Setur e terá orçamento próprio

SIMONE BOBSIN

Salim Miguel vai deixar a tranqüila vida de aposentado, abandonar mais cedo o sossego de sua gostosa casa de praia na Cachoeira do Bom Jesus, para iniciar a partir de hoje seu trabalho à frente da FCC (Fundação Franklin Cascaes), o órgão municipal responsável pela cultura. O escritor não critica os pagodes de Aldirio Simões, mas entende que a fundação tem de ir além. Na cabeça, inúmeras idéias para tornar a entidade mais atuante.

Uma das primeiras atitudes da Frente Popular, que merece ser elogiada, foi a transferência da responsabilidade de promover o Carnaval apenas para a Setur (Secretaria de Turismo). Antes, a FCC participava da preparação da festa. Esta já é uma conquista da FCC, que agora poderá se dedicar a assuntos ligados à cultura.

O superintendente ressalta que a fundação vai ficar desvinculada da Setur, com orçamento próprio, e participará das reuniões do colegiado. Mas adianta que, por enquanto, a fundação não será transformada em secretaria. "Não se pretende fazer isto porque uma fundação tem muito mais facilidade de conseguir verbas extras-oficiais e de trabalhar com a iniciativa privada, além de conseguir recursos de outras fundações", esclarece.

## Desafio



CARLOS SILVA/DC/Florianópolis

Salim Miguel quer promover espetáculos gratuitos às camadas sociais mais carentes em Florianópolis

**D**iário Catarinense - Qual será a política cultural adotada pela Fundação Franklin Cascaes?

Salim Miguel - A fundação deve fazer um trabalho abrangendo todas as áreas da cultura e levá-lo à comunidade. Não tem sentido fazer um trabalho para os próprios produtores. Queremos ampliar a atuação da fundação e para isto a Frente Popular tem um documento, que foi amplamente discutido, do qual eu não participei na elaboração mas assinaria praticamente tudo que está ali.

DC - O que consta deste documento?

S.M. - Uma das coisas que se discutiu foi o Carnaval. Como evento, quer dizer, desfile das escolas de samba na passarela, é hoje um corpo estranho na fundação e tem mais vinculação com a Secretaria de Turismo. O Carnaval como manifestação da cultura popular sim, este poderia ser realizado em conjunto com a fundação e a Setur. Esta é uma maneira de aliviar o pessoal, que, durante mais de meio ano, se preocupa com a preparação desta festa, e deixar mais recursos para outras atividades.

DC - Quais os projetos da nova administração da fundação?

S.M. - Perguntaram, numa das reuniões, se eu acabaria com todos os eventos da fundação. Claro que não, porque seria um absurdo. Vou procurar avaliar os projetos que

são ou não de interesse da comunidade. Costumo dizer que 'só não erra quem nada faz'. Quero reestruturar algumas coisas, ampliar setores ligados diretamente à área cultural. Por exemplo, a fundação tem que se preocupar com cinema, teatro, artes plásticas, televisão, dança, literatura, etc. O primeiro passo é reorganizar esta estrutura e não partir para projetos ambiciosos.

*"Primeiro passo é reorganizar a estrutura e não partir para projetos muito ambiciosos"*

DC - O que seriam projetos ambiciosos?

S.M. - É querer fazer um longa-metragem que vai custar milhões. O viável é começar reunindo o pessoal de cinema e ver com que recursos extra-orçamentários se pode fazer alguma coisa. Tem que estudar com toda a classe artística a possibilidade de fazer alguns trabalhos, resgatando aspectos da cultura popular de Florianópolis, que está desaparecendo. Na área de literatura, não pretendo partir para edições. O que estou pensando é fazer uma série de cadernos de cultura popular, com papel reciclado e temas sobre a cidade.

DC - E quais seriam os outros planos viáveis?

S.M. - Na área de teatro, a fundação dispõe de um caminhão que queremos adaptá-lo como palco para encenar peças gratuitamente em vários locais. Isto não é novidade, o Lorca (escritor Federico Garcia Lorca) na década de 30 fez isto na Espanha, só

que era com uma carroça. Então, a fundação vai apoiar, mas este apoio terá esta contrapartida. Ao invés de fazer um espetáculo no TAC (Teatro Álvaro de Carvalho), vamos usar o caminhão. Eu costumo dizer que não é que o povo não goste, foi feita uma diferenciação entre a classe alta e a população em geral. Hoje, o pessoal da periferia de Florianópolis tem até medo de passar em frente ao CIC (Centro Integrado de Cultura). Vamos ver se a gente rompe com isto.

DC - Esta é a proposta da Frente Popular para popularizar a cultura?

S.M. - Sim, é levar até a população não apenas o teatro, mas também exposição de arte, espetáculos de dança, shows de música e mostras de cinema e vídeo. Não vamos abandonar o pagode, mas não vamos nos limitar a isso - aí reside a diferença. Além disso, temos de resgatar o que há de tradição e cultura popular em Florianópolis, que está se perdendo ou se deformando.

DC - E as prioridades?

S.M. - A prioridade é arrumar um lugar para trabalhar e montar uma estrutura funcional para a fundação, que não dispõe de quadro funcional. O pessoal da prefeitura foi colocado à disposição da fundação.

DC - Na sua opinião, Florianópolis não seria ainda uma cidade muito provinciana

e acomodada para certas promoções populares? No ano passado, por exemplo, um show gratuito do Moraes Moreira no Aterro da Baía Sul foi um fracasso.

S.M. - É um processo de conscientização, formação de público. Não se consegue de um dia para o outro, por isto iniciei dizendo que 'só não erra quem nada faz'. Talvez alguns destes projetos tenham que ser reformulados e eu tenha que chegar e dizer 'infelizmente temos que cancelar'. Não há demérito nenhum nisto. Mas, sem uma preparação, não adianta.

DC - Assumir a Fundação Franklin Cascaes é encarado como um desafio? Pretende revolucionar a cultura municipal?

S.M. - Sempre gostei de desafios. Relutei em aceitar, sou uma pessoa muito crítica e foi isto que eles me colocaram. Por ser uma pessoa muito crítica, no momento em que me solicitam apoio, digo não? Isto me motivou, além de eu atuar nesta área há quase 40 anos. Como morei no Rio, tenho um relativo trânsito neste meio. Mas, não sou ninguém para revolucionar a cidade. Costumo trabalhar em equipe e delegar tarefas, e é isto que pretendo fazer. Tenho a intenção de dar uma virada, manter o que deu certo, sem receio das críticas, e suspender o que não der certo. A minha preocupação, mais do que justa, é que onde estive até agora dei meu recado 'direitinho'. Só me faltava agora, no fim da vida, raterar.

# Países latinos estarão no palco em 95

Fundação Franklin Cascaes começa agora a planejar a terceira edição, que terá convidados da Argentina, Uruguai, Paraguai e Chile

MÁRCIA FEIJÓ

O 3º Festival Nacional Isnard de Azevedo começa a ser planejado ainda esta semana. Mal encerrou suas atividades na segunda edição do evento e a equipe da Fundação Franklin Cascaes já se prepara para 1995. Entre as modificações que serão estudadas está a extensão da mostra paralela aos demais países latino-americanos. Segundo o superintendente da Fundação, Salim Miguel, deverão ser convidados grupos da Argentina, Uruguai, Paraguai e Chile, devido ao sucesso das apresentações dos bonequeiros norte-americanos *Bread and Puppet Theater*, neste ano.

Outra mudança importante poderá ocorrer no formato do Festival. A mostra competitiva deverá ser repensada, de acordo com Miguel. "Há duas correntes dentro da organização. Uma deseja manter a competição, pois entende que é ele que entusiasma os grupos a participarem. Outra acredita que o Festival será mais enriquecedor se os grupos selecionados apenas apresentarem seus espetáculos, mas precisamos levar em consideração que só a seleção já é uma forma de competição", salienta o superintendente.

**OFICINAS** - A Fundação Franklin Cascaes também pretende iniciar atividades ligadas ao Isnard Azevedo assim que as reuniões de avaliação forem realizadas. Salim Miguel afirma que uma das propostas vigentes é a de trabalhar durante todo o ano, em prol do Festival, proporcionando oficinas periódicas junto à classe teatral catarinense. Vincular o turismo não só ao festival de teatro como também às demais atividades culturais da Fundação, proporcionando um número maior de alternativas para a baixa temporada, é outro objetivo de Miguel.

O superintendente da Franklin Cascaes considerou a segunda edição do Festival um grande avanço sobre 1993. "Nós estávamos tão empolgados com a primeira edição que acabamos fazendo algo muito mais abrangente e ambicioso do que as nossas possibilidades financeiras e de pessoal. Mas com os apoios que tivemos conseguimos realizar o projetado." De acordo com ele também se caracterizou um evento bem organizado, cujos pequenos problemas foram facilmente superados. "Tínhamos uma equipe pequena, mas muito empenhada, que não teve horário para dormir ou se alimentar, estando completamente voltada para ele. A organização do Festival manteve a boa imagem de Floripa", diz Salim Miguel.

## Fusão bem-sucedida

**Petit**  
CADEAU  
INFANTIL  
BONECA E BEBÊ  
☎ 23.1615



DIVULGAÇÃO/DC

Medéia Material, do grupo Augusta Não Deu Conta, levou seis troféus no Isnard Azevedo e mais 31 em outros festivais

## Augusta Não Deu Conta já recebeu 50 prêmios

Com apenas duas montagens em seu currículo o grupo Teatro Augusta Não Deu Conta, de São José do Rio Preto (SP), atingiu a marca dos 50 prêmios, concedidos pelos mais importantes festivais do País. Entre outros, recebeu o título de melhor espetáculo no 10º Festival de Teatro do Vale (São José dos Campos/SP), 4ª Mostra de Teatro de Ourinhos (SP), 1º Festival da Região Sudeste (SP), 4º Festival Nacional de Teatro e Dança de João Pessoa (PB), 7ª Mostra Regional de Teatro de São José do Rio Preto e 4º Festival de Teatro de Presidente Prudente (SP). Seu primeiro trabalho, *O Sétimo Dia*, recebeu 13 dos troféus e *Medéia Material*, que levou mais seis premiações no Festival Isnard Azevedo, as 31 restantes.

O texto de *Medéia Material* é resultado da fusão entre o *Medeamaterial* de Heiner Müller. O escritor alemão, por sua vez baseou-se na *Medéia* de Eurípedes, que também foi recontada por Sêneca. Sua versão é locada em Iolco, na Tessália, reino governado por Eão, destronado pelo irmão Pélias, Jasão, filho

de Eão, reclama a coroa e seu tio finge-se disposto a devolvê-la se ele conseguir recuperar o Velocino de Ouro. Enganado, depois de obter êxito em sua tarefa, Jasão une-se a Medéia e destrói Eão através de feitiços. Depois a repudia para casar-se com Creusa, uma princesa de Corinto. Enciumada, Medéia manda um vestido envenenado para a noiva e após matar os próprios filhos, foge num carro de fogo, puxado por duas serpentes aladas.

A peça centra-se na mitologia e nas simbologias de caráter matriarcal. "A imagem original do Caldeirão da Transformação, símbolo de Medéia, equiparado ao Ovo do Mundo da Grande Deusa, é o útero, o ventre fecundo, que contém toda a vida, ressaltado através do repertório gestual do espetáculo", explica o grupo. "Na decadência da figura mística de Medéia está refletido o processo de desvalorização e da falta de autoridade a que todas as mulheres e tudo o que era feminino estavam expostos na cultura patriarcal que cheira a Eão e Pélias complementam.



América: premiação justa para melhores atriz e figurino

## Puxa Vida mostra mundo infantil sem subterfúgios

Peça vencedora da categoria infantil no Festival Isnard Azevedo, *Puxa Vida* se destaca pelo realismo de seu enredo. A proposta do Núcleo de Estudos sobre Teatro para Crianças e Adolescentes, de Salvador, é justamente levar ao palco situações cotidianas, como a guerra dos sexos, a falta de dinheiro, a vida familiar, a relação com os pais e as relações de classe social. A peça conta a história de um casal de irmãos. Patrícia e Cláudio, cuja mãe, Hilda, é viúva. As crianças moram em um prédio que deverá ser demolido e vivem sob constante perseguição do síndico Libório e da vizinha Cleonice. Entre molecagens e brincadeiras, os irmãos se dão conta de que há uma forma para se mudarem de apartamento e fazerem com que a mãe se case novamente. Acabam conseguindo que Hilda ca-

se com Rudi, um colega da fábrica onde trabalha e a partir deste ponto se desenrola a trama.

*Puxa Vida* tem três diretores. Teresa Costalima foi responsável pela condução das improvisações, pela criação dos cenários e figurinos. Cláudio Simões adaptou o texto, escrito em 1975, na Alemanha, para o contexto brasileiro e contemporâneo. Celso Jr. criou a iluminação e realizou a produção executiva. Além de melhor espetáculo infantil, *Puxa Vida* recebeu os troféus de melhor ator coadjuvante (Frank Menezes), atriz coadjuvante (Rose Anias) e ator (George Vladimir). *O Arlequim*, da Cia. Nosconosco, recebeu o título de melhor peça infantil pelo júri popular. Também ficou com o melhor maquiagem, somoplastia, figurino, cenografia, iluminação, conjunto de atores e direção.

O grupo vencedor na categoria soneplastia foi o Varal (RJ), pelo espetáculo *O Ferreiro e a Morte*, e não o grupo Todos os Que Caem (SP), como foi divulgado na edição de ontem. O troféu de melhor atriz coadjuvante foi para Márcia Monteiro, que também pertence ao grupo Varal e não do Todos os Que Caem, como consta na listagem. O troféu de melhor maquiagem ficou com o grupo Teatro Augusta Não Deu Conta, por *Medéia Material*.



DANIEL CONZILIO

Anatomia Humana Segundo Vico e Campanella: melhor dramaturgia original

## OS NÚMEROS DO FESTIVAL

- ★ EM 1993 o Festival somou 12 espetáculos concorrentes. Em 1994, aumentou para 16 concorrentes, entre oito infantis e oito adultos.
- ★ EM LUGAR de um convidado, como ocorreu na primeira edição, a segunda teve três convidados, sendo um deles grupo internacional.
- ★ AMPLIOU-SE significativamente o número de espetáculos da mostra paralela, de 10 (1993) para 30 (1994) peças apresentadas entre a lona montada no Largo da Alfândega, a Praça Bento Silvério (Lagoa da Conceição) e o Cine Art 7.
- ★ QUANTIDADE de debates sobre os espetáculos, oficinas e palestras também

foram aumentados, conforme a Fundação Franklin Cascaes.

★ O TEATRO Álvaro de Carvalho, com 470 lugares, esteve lotado (com excedentes em todas as apresentações infantis, pela manhã. Nas peças adultas as duas sessões oferecidas também estiveram praticamente lotadas durante as 10 noites.

★ LONA instalada no Largo da Alfândega para a mostra paralela, com 500 lugares esteve lotada durante os dois shows diários.

★ MÉDIA de participantes nos debates e palestras ocorridos no Museu Cruz e Sousa foi de 100 pessoas.

# Lei Rosalino deverá ser alterada ainda este ano

*Apenas dois projetos, dos 21 autorizados, conseguiram deslanchar. Entre eles, o do grupo Sim, Por que não?*

A Fundação Franklin Cascaes (FFC) suspendeu a publicação dos editais de incentivo à cultura e formou uma comissão para estudar alterações na Lei Vilson Rosalino. Apenas dois dos 21 projetos autorizados pela fundação desde 1993 conseguiram beneficiar-se do certificado de isenção fiscal — garantia de abatimento de 70% no Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) e Imposto Sobre Serviços (ISS). A comissão quer terminar os estudos até o final deste ano para iniciar negociações com a Câmara de Vereadores em 1996.

“Vimos que não estava dando certo”, disse o presidente da FFC, Salim Miguel, para observar que não havia sentido em continuar a publicação dos editais e dar uma “injeção de esperança” nos produtores culturais, que acabariam desgastados no processo de negociação com o empresário local. Salim Miguel afirmou, sem reservas, que o incentivo à cultura através da lei Vilson Rosalino “não estava dando resultado, empacou”. Em duas oportunidades a Fundação publicou editais de incentivo à produção cultural de Florianópolis, em 1993 e 1994. Dos 21 projetos aos quais foram concedidos

Paulo Dutra



Salim Miguel disse que a lei “empacou”

certificados de isenção fiscal, dois apenas deslancharam. A Sociedade Folclórico Boi-de-Mamão de Juazeiro conseguiu patrocínio do Jurerê Internacional para confecção de personagens. Um grupo empresarial interessou-se em apoiar o projeto cultural do Sim, Por que Não?. Ambos foram beneficiados pela Lei Vilson

Rosalino através do edital de 1994. No caminho inverso foi atirado o projeto do artista Nei Batista de Souza.

O artista resgatou, alicerçado nas pesquisas de Franklin Cascaes, um bloco carnavalesco dos anos 30 composto pelos animais do jogo do bicho. Em 1988, Nei colocou o bloco na rua e através da Lei Rosalino pretendia ampliar o trabalho, incluindo a ala “cantoria dos pássaros e cigarras”. A tentativa foi frustrada.

“Vou olhar com carinho e depois telefonei.” Era essa a resposta que geralmente o artista recebia dos empresários aos quais apresentava seu projeto. “Eles também diziam que o contador afirmava que ‘não é vantagem’”, lembra Nei, que, pessoalmente, visitou dois empresários. A trabalhar com papel, o artista reforçou a dificuldade de angariar patrocínio. “Sempre foi difícil. Há uma falta de visão”.

“O empresário não sabe usar os projetos como ferramentas de comunicação”, vislumbra o assessor de marketing cultural da fundação, Murilo Silva, que aponta falhas também no que concerne aos produtores culturais. “Na maioria das vezes, encontra um empresário reticente e não sabe vender. Apresenta o certificado como se fosse a pérola do projeto”, analisa Silva. A Lei Vilson Rosalino (recebeu esse nome do autor) foi sancionada em 25 de novembro de 1991 pelo prefeito Antônio Henrique Bulcão Vianna.

## Arte de fazer

*Florianópolis, nos três últimos anos, descobriu que investir em cultura é alicerçar o desenvolvimento da sociedade. Nunca, em tão pouco tempo, se revelou tantos talentos e se promoveu eventos importantes, como o Festival do Folclore, que apagou as diferenças entre as etnias e trouxe para a Ilha a paixão musical embutida nas heranças culturais dos colonizadores.*

*À frente de todas e de todos, o movimento está um talentoso escri-*

*tor, que trabalha em silêncio, abrindo caminhos para viabilizar promoções. Salim Miguel preside a Fundação Franklin Cascaes e só não avançou mais porque Florianópolis ainda é a ilha de casos raros, onde governos estadual e municipal se confundem também nas ações culturais.*

*A Fundação Franklin Cascaes consolidou-se como um órgão dinâmico que soube, além de tudo, resgatar a cultura para o desenvolvimento só soube atropelar.*

## Cultura

Superintendente da Fundação Franklin Cascaes, escritor Salim Miguel, vai participar do II Encontro Intermunicipal de Cultura, promovido pelo Fórum Intermunicipal criado no ano passado em Belo Horizonte. Cultura, municípios e desenvolvimento será o tema central dos debates.

O evento acontecerá entre os dias 29 e 1º de junho.

## Salim participa de reunião cultural na cidade de Vitória

O superintendente da Fundação Franklin Cascaes e representante da região Sul no Fórum Intermunicipal de Cultura, Salim Miguel, e a coordenadora de eventos e ação comunitária da Fundação, Karen Machado, estarão participando entre os dias 29 deste mês e 1º de junho, em Vitória (ES), do 2º Encontro Intermunicipal de Cultura-EIC, sob a coordenação daquele Fórum criado no ano passado em Belo Horizonte. A aproximação de temas como cultura, municípios e desenvolvimento humano estará no centro dos debates, que acontecerão em locais históricos da cidade, como o Cineteatro Glória, Escola de Arte Fafi, Praça Costa Pereira e Teatro Carlos Gomes.

– Este trabalho é importante para sensibilizar o Governo Federal na busca de incentivos e apoio, e também para facilitar o trânsito de bens culturais, declara Salim Miguel.

Salim Miguel levará cinco projetos da FFC para serem examinados, na tentativa de conseguir financiamento para viabilizá-los entre ano, nas áreas de artes cênicas, dança, artes plásticas, folclore e "A Ilha em Buenos Aires II".



Carlos Angioletti Vieira (E) em depoimento à Comissão de Defesa do Consumidor

## Secretário de Turismo salienta transparência

O secretário de Turismo do município (Setur) Airton de Oliveira disse ontem que a Prefeitura pretendia inicialmente captar os recursos através da Fundação Franklin Cascaes, mas como ela tem vínculo com o governo estava impedida legalmente e aí optou-se pela Suzuki. Mesmo assim, o secretário não vê irregularidade no fato de a presidente da Franklin, Lélia Pereira Nunes, ter assinado cheque da conta que movimentava os recursos da Suzu-

ki. "Foi feito isso para que houvesse transparência".

Oliveira enfatiza que a utilização do dinheiro foi administrada pela Setur. As festas Junina, de Aniversário da Cidade e o Carnaval também foram beneficiados. No caso do Carnaval, o secretário diz que foram recebidos recursos também da Embatur e, em relação a eles, os recibos foram assinados pelo governo. Em nota oficial à imprensa publicada ontem Airton de Oliveira afirma que

a administração anterior utilizou meios semelhantes.

"Para realização do Festival de Teatro Isnard de Azevedo ano passado, a administração popular através da Fundação Franklin Cascaes obteve da Secretaria de Apoio à Cultura do Ministério da Cultura R\$ 156.800,00, entregues à Sociedade Amigos do Teatro Álvaro de Carvalho, uma vez que esses recursos não podem ser alocados a órgãos oficiais e fundações vinculadas". (CN)

# CPI aprovada pela Câmara da Capital

### *Vereadores vão apurar repasse de verba para Festa da Tainha*

CLAUDINE NUNES

A Câmara de Vereadores da Capital aprovou ontem à noite a instalação de Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para apurar o repasse de recursos, da Telebrás para a fundação União de Professores Suzuki, que ajudaram a financiar a 22ª Festa da Tainha. A comissão tem representantes de todos os partidos, Michel Curi (PPB), Dalmo Meneses (PSDB), Juarez Silveira (PFL), João Bittencourt (PSL), Francisco Rzatki (PMDB), Mauro Passos (PT) e Liacarmen Kleine (PCdoB). O depoimento do presidente da fundação Suzuki em audiência pública na Câmara de Vereadores, à tarde, foi determinante para instalação da CPI.

Carlos Alberto Angioletti Vieira admitiu que a entidade agiu como "laranja", intermediando o repasse de recursos para a Prefeitura, sem controle sobre o dinheiro porque assinou cheques em branco. "Meu erro foi confiar", declarou durante a audiência pública. Quando à

imprensa ao final que tomou um susto quando soube que estava financiando a festa. A Suzuki recebeu R\$ 599,8 mil em convênio com a Telebrás, assinado em 7 de fevereiro como patrocínio do Projeto Revitalização dos Festejos Populares Tradicionais da Ilha de Santa Catarina.

Vieira disse que foi aberta uma conta específica no Banco do Estado de Santa Catarina (Besc) nº 126.675-9 para movimentação tendo três titulares: Vieira, o funcionário da Secretaria de Turismo do município (Setur), Luiz Carlos Filomeno e a presidente da Fundação Franklin Cascaes, Lélia Pereira Nunes. O presidente da Suzuki disse que ele e Lélia assinaram dois talões de cheques em branco, entregues a Filomeno e não soube responder se o estatuto da Suzuki permite tal prática. Até ontem a Suzuki não havia recebido a prestação de contas que terá de apresentar à Telebrás. Vieira não soube responder que festas foram financiadas. O último extrato revelou que sobraram R\$ 109,00.

O diretor administrativo e financeiro da Franklin Cascaes, Álvaro Ayello, negou sexta-feira qualquer participação da entidade com a Suzuki ou com a festa. Mas Vieira disse foi procurado pela Franklin Cascaes no início do ano, com o pedido para que fosse um colaborador na captação de recursos.

## Cadê o dinheiro?

Secretário de Turismo de Florianópolis, Airton Oliveira, divulgou em nota que a Fundação Franklin Cascaes recebeu R\$ 156.800,00 do Ministério da Cultura, para realização do Festival Nacional de Teatro Isnard Azevedo, edição de 96.

O jornalista Salim Miguel, ex-superintendente, diz que não é verdade.

“Embora tenha encaminhado projeto específico ao MINC, não recebemos um único centavo. Por ser fundação, a FCC pode receber recursos diretamente, para posterior prestação de contas, sem necessidade de recorrer a terceiros...”

Junto com sua Eglê no refúgio de Cachoeira do Bom Jesus, Salim Miguel pede apenas que o poupem das mesquinhas e do bolo que cega os políticos.



# Comissão apura denúncia de desvio

FLORIANÓPOLIS

**A** Comissão Parlamentar de Inquérito da Câmara de Vereadores de Florianópolis, aberta para apurar desvio de recursos do projeto de Revitalização das Festas Populares, começa nesta semana a tomar depoimentos que poderão esclarecer como o dinheiro foi gasto. Amanhã estará na CPI a presidente da Fundação Franklin Cascaes, professora Lélia Pereira Nunes, e na quarta-feira, o presidente da União dos Professores de Música Suzuki, o maestro Carlos Alberto Angioletti Vieira.

Ao prestar informações à Comissão de Defesa do Consumidor da Câmara de Vereadores, no começo deste mês, para saber sobre a aplicação de parte dos recursos na Festa da Tainha, na Barra da Lagoa, o maestro afirmou que a prefeitura da Capital, por meio da entidade que ele dirige, conseguiu R\$ 599.800,00 da Telebrás, via Ministério da Cultura, para o projeto de Revitalização das Festas Populares. A administração municipal, que não teria direito, se beneficiou da Lei Rouanet de Incentivo à Cultura. Vieira disse à Comissão que se sentiu um "laranja" usado pela prefeitura.

O maestro contou ainda que ele e a professora Lélia abriram uma conta conjunta no Besc para receber o dinheiro - mesmo ela não sendo integrante da União -, assinaram dois talões de cheques em branco e entregaram a Luiz Carlos Filomeno, assessor do secretário municipal de Turismo, Airton de Oliveira. Segundo os extratos bancários, o dinheiro foi sacado - R\$ 200 mil foram retirados uma só vez - entre fevereiro e junho.

O presidente da CPI, vereador Michel Curi (PPB), afirmou ontem que como os trabalhos estão iniciando não há culpados. Admitiu que há algo de errado no processo. Porém, disse que há necessidade de todos serem ouvidos para apontar as falhas e se há culpados.

Outro integrante da CPI, vereador Mauro Passos (PT), informou que na sexta-feira passada um assessor do ministro da Cultura, Francisco Weffort, ligou, querendo mais detalhes. Depois o assessor manteve contato com o maestro e o convocou para estar em Brasília para esclarecer a situação. De acordo com Passos, Vieira não sabe o motivo da convocação. Ele terá que prestar contas do dinheiro que recebeu ou fazer a sua devolução. Procurado pela reportagem ontem à tarde, o maestro disse que não tinha nada a declarar.



BANCO DE DADOS/DC

**EXPLICAÇÃO:** Lélia Nunes, presidente da Fundação Franklin Cascaes, depõe amanhã

## A SITUAÇÃO

O fato de a prefeitura de Florianópolis ter recebido R\$ 599.800,00 da Telebrás, via Unipros, para festas populares, só ficou conhecido quando o secretário municipal de Turismo, Airton Oliveira, esteve reunido com a comunidade da Barra da Lagoa para explicar sobre o prejuízo da Festa da Tainha, realizada em julho passado. O Centro Comunitário da Barra da Lagoa - que realizou o evento junto com a Secretaria de Turismo - não aceitou que a festa tivesse dado prejuízo. Pela primeira vez cobraram ingresso para entrar na festa e no estacionamento, e foram vendidas oito toneladas de tainha. A alegação da diretoria do Centro é que a comunidade estava desconfiada de desvio de recursos pela própria entidade. Na ocasião em que o secretário Oliveira explicou sobre a arrecadação e gastos das festa informou que houve a doação de R\$ 99 mil da Telebrás. Isso desencadeou a investigação da Comissão de Defesa do Consumidor e depois foi

## Acusações são infundadas, diz Airton Oliveira

O secretário Airton Oliveira afirmou ontem que as denúncias de irregularidades no repasse de R\$ 599.800,00 da Unipros para a prefeitura são infundadas. Para ele, são pessoas que não querem que se façam atividades na Capital. Oliveira reclamou que o fato de veicular o assunto em jornais, como a reportagem em O Globo de ontem, vai impedir que outras entidades ou empresas invistam em eventos.

Oliveira adiantou que não há nada de irregular no processo realizado entre a prefeitura e a Unipros, pois garante que na administração anterior foi usado o mesmo recurso e muitas outras prefeituras no Brasil também o fazem. Segundo ele, a prefeitura não tem dinheiro, e não tem direito à Lei Rouanet, por isso precisa buscar formas de recursos para viabilizar seus eventos. O dinheiro do projeto foi empregado na festa junina, da Tainha, da Laranja e do Divino.

O secretário afirmou que haviam tentado fazer o projeto diretamente pela Setur e depois pela Fundação Franklin Cascaes. Mas como não era possível, foi indicado que fizessem via ONG. Assim entrou a Unipros, já que Carlos Alberto Angioletti Vieira é maestro da Orquestra Sinfônica Municipal. O secretário argumentou ainda que o fato da presidente da Fundação Franklin Cascaes, Lélia Pereira Nunes, ter aberto a conta conjunta com o maestro foi por uma questão de confiança.

Sobre as notas fiscais emitidas por uma empresa - onde consta ser indústria de confecções - para atuar na segurança e limpeza no Carnaval, conforme reportagem do O Globo, o secretário contou que a empresa foi escolhida por licitação, pela Franklin Cascaes, e no contrato social é prestadora de serviços.

Sobre como prestar as contas, já que quem recebeu o dinheiro foi a Unipros e quem o utilizou foi a Setur, o secretário informou que não há problemas, pois pode ser feito com o preenchimento de um formulário comprovando os gastos para os eventos do projeto e tem prazo até o fim do ano. Procuradas para falar sobre o assunto, Angela Amin e Lélia Nunes não foram encontradas.

# Caso da verba de festas vai para esfera judicial

Processo passa a ser examinado pela Secretaria de Controle Interno do Ministério da Cultura

Sandra Carvalho  
BRASÍLIA

O Ministério da Cultura decidiu ontem transferir para a esfera judicial o processo sobre a liberação dos R\$ 599.800,00 para o projeto de Revitalização das Festas Populares de Florianópolis. Cansado de aguardar a prestação de contas, que deveria ter sido enviada em março passado, o secretário de Apoio à Cultura do Ministério, José Álvaro Moisés, comunicou ontem ao presidente da União dos Professores de Música Suzuki, o maestro Carlos Alberto Angioletti Vieira, que o processo sairia da área administrativa e passaria aos cuidados da Secretaria de Controle Interno do Minc, ligado ao Ministério da Fazenda.

O secretário Moisés solicitou também ao presidente da Câmara de Vereadores de Florianópolis cópia dos depoimentos prestados na Comissão dos Direitos do Consumidor sobre as denúncias de irregularidades envolvendo o caso. Eles serão anexados ao processo encaminhado à Secretaria de Controle Interno.

Por enquanto, porém, segundo José Moisés, não há irregularidade no fato de os recursos terem sido destinados a projetos da prefeitura. "O problema até agora é apenas a falta da prestação de contas", destacou. Se os recursos foram aplicados no que previa originalmente o projeto aprovado pelo Minc, não haverá problemas. "Mas se houve desvio, os recursos terão que ser devolvidos e recolhidos aos cofres da Fundação Nacional de Cultura, que apoia projetos a longo prazo", prosseguiu.

Ele confirmou que os recursos foram solicitados inicialmente através de documentação encaminhada pela presidente da Fundação Franklin Cascaes, Lélia Nunes, ligada à prefeitura. A Lei Rouanet, porém, impede que órgãos governamentais sejam beneficiados com incentivo fiscal. "A própria Fundação Franklin Cascaes poderia ter criado uma associação dos amigos da Fundação, por exemplo, para solicitar os recursos, como procedem hoje vários museus que se beneficiam da lei", informou.

José Moisés informou ter mantido diversos contatos com o maestro Carlos Angioletti para cobrar a prestação de contas dos recursos conseguidos da Tele-Paraná, via Lei Rouanet. O secretário disse que, numa das conversas com o maestro, há cerca de 15 dias, falou das consequências do atraso na prestação de contas, incluindo inclusive o impedimento de sua substituição voltar a solicitar recursos públicos. O maestro informou ter recebido do secretário municipal de Turismo, Aírton de Oliveira, a garantia de que os documentos estavam sendo enviados. "Percebi que ele estava nervoso com a situação em que ele talvez tenha se envolvido por inocência", concluiu Moisés. (Agência RBS)



ROBERTO SCOLA/Jul 96

**ATRASO:** R\$ 599 mil foram enviados para o Projeto de Revitalização das Festas Populares de Florianópolis, como a da Tainha

## Depoimentos importantes na Câmara

FLORIANÓPOLIS

A presidente da Fundação Franklin Cascaes, Lélia Pereira Nunes, e o superintendente administrativo da entidade, Álvaro Aiello, depõem hoje à tarde na CPI da Câmara de Vereadores de Florianópolis que investiga desvio de recursos do projeto de Revitalização das Festas Populares. A dívida principal gira em torno da forma como a verba (R\$ 599.800,00) chegou às mãos da prefeitura e como este dinheiro foi utilizado. Amanhã, a CPI ouve o presidente da União dos Professores de Música Suzuki (Unipros), o maestro Carlos Alberto Angioletti Vieira; e o presidente do Conselho Comunitário da Barra da Lagoa, Odenir Vieira.

Segundo a vereadora Lia Kleine (PC do B), membro da comissão, os depoimentos vão servir para esclarecer várias dúvidas. O maestro Angioletti terá que explicar por que apresentou o projeto de Revitalização

que o dinheiro iria ser repassado para a prefeitura. Pela Lei Rouanet, de incentivo à cultura, a verba só pode ser destinada para entidades particulares, e não públicas. No começo do mês, Angioletti prestou esclarecimentos à Câmara, afirmando que agiu de boa fé, mas foi usado como "laranja" (intermediário) no processo.

O dinheiro ficou disponível em fevereiro deste ano através de uma conta conjunta no Besc, aberta pelo maestro e pela presidente da Fundação Franklin Cascaes. Em seguida, dois talões de cheque em branco assinados foram entregues ao assessor do secretário municipal de Turismo. No depoimento, Lélia terá que explicar por que abriu a conta e assinou os cheques sem ter uma ligação oficial com a Unipros. Lélia não foi localizada para falar sobre o assunto.

Segundo o secretário municipal de Turismo, Aírton Oliveira, que também

forma legal. "Tentamos conseguir recursos no Ministério da Cultura, mas descobrimos que isto só seria possível através de uma ONG. Então essa foi a única saída", conta. Ele afirma que o procedimento é legal, mas se contradiz ao explicar como o dinheiro, que é de uso exclusivo da iniciativa privada, veio parar nas mãos da prefeitura. "Este dinheiro não veio para a prefeitura. Veio para a Unipros que depois repassou para um funcionário da Secretaria da Turismo", conta.

Lia desconfia, no entanto, que todo o processo serviu na verdade para desviar verbas. Por isso, além dos depoimentos, a CPI está reunindo documentos. Já foram solicitadas à prefeitura todas as notas fiscais referentes à utilização do dinheiro nas festas e os respectivos editais de licitação e ao Besc, cópias dos cheques utilizados e informações sobre o dinheiro arrecadado na Festa da Tainha, sobre a qual permanecem dúvidas quanto ao destino do dinheiro.

# Salim Miguel contesta secretário

O ex-presidente da Fundação Franklin Cascaes, na administração passada, professor Salim Miguel, contesta as informações do secretário municipal de Turismo, Airton Oliveira, de que teria recebido verbas da Lei Rouanet de Incentivo à Cultura via entidade privada. Segundo Oliveira, a administração passada teria enviado um projeto para o Ministério da Cultura, utilizando a Associação de Amigos do Teatro Álvaro de Carvalho como intermediária.

Miguel disse que a Fundação nunca precisou usar deste artifício porque a instituição possuía uma conta vinculada no Banco do Brasil para receber verbas para eventos culturais (o que segundo ele é a forma legal de tramitação dos recursos). "Recebemos duas vezes recursos para o Festival Isnard de Azevedo. Uma em 1993, da Fundação Banco do Brasil, e em 1994, da Embratel", diz. Miguel disse que, ao deixar a Fundação, a conta vinculada permaneceu aberta. Airton Oliveira diz, no entanto, desconhecer esta conta.

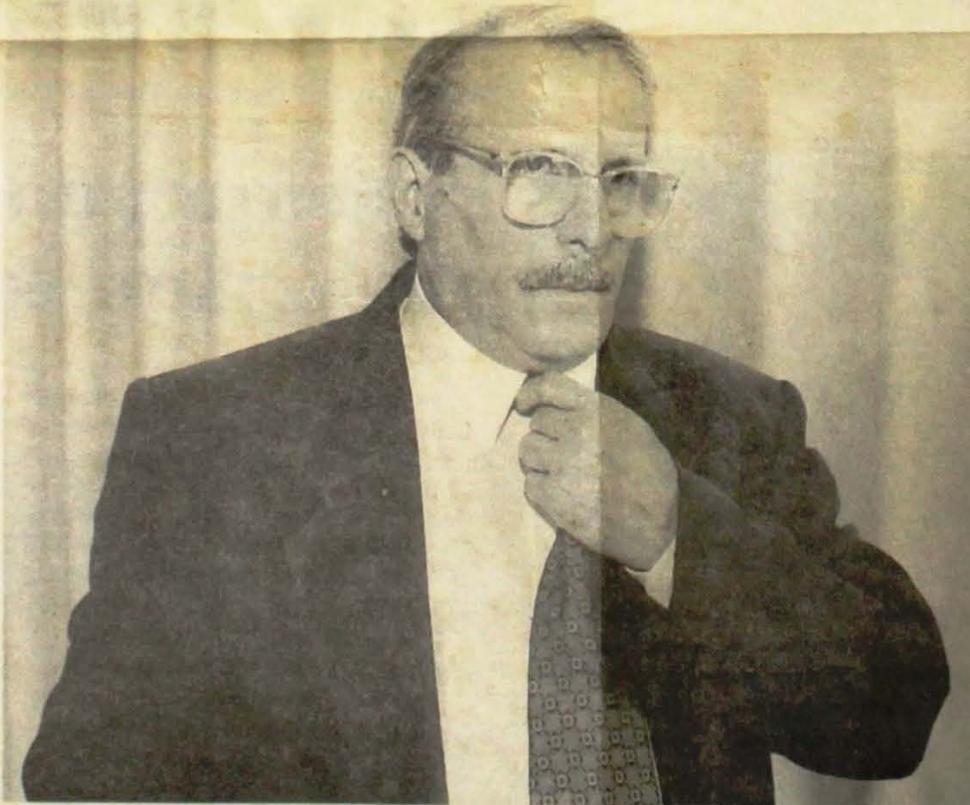
Miguel explica que a Fundação encaminhou um projeto a Brasília solicitando verbas diretamente ao Ministério da Cultura para a realização do Festival Isnard de Azevedo. Porém, alguns dias depois recebeu a resposta do assessor do Ministério, José Álvaro Moisés, que alegou falta de recursos. Miguel explica ainda que a Fundação não pode receber diretamente em sua conta dinheiro para eventos culturais. Mas pode receber numa conta vinculada com o Banco do Brasil, e depois do evento tem 30 dias (prorrogáveis por mais 30) para comprovar os gastos.

**CHEQUE EM BRANCO** - Para o ex-secretário de Turismo, Homero Gomes, o dinheiro repassado pela Telebrás à Unipros, que o encaminhou ao assessor do secretário Oliveira, Luiz Carlos Filomeno em cheques em branco, tem um caráter totalmente irregular. O mais grave, segundo o ex-secretário, é o fato de que não pode haver manipulação de recursos por nenhuma secretaria municipal, com exceção da secretaria de finanças. "Tudo o que é arrecadado vai para Finanças, que paga os empenhos de todas as demais secretarias", explica. Para Gomes, esta é uma forma de gastar dinheiro sem prestar contas, já que o dinheiro não pertence oficialmente a eles. Oliveira se defende e diz que não houve irregularidade no processo. Segundo ele, o dinheiro representou na verdade um patrocínio, por isso pode ser administrado pela secretaria.



FOTOS BANCO DE DADOS/DC

**MEIO DE CAMPO:** Orquestra Suzuki foi utilizada como intermediária para dinheiro chegar à prefeitura de Florianópolis



**QUESTIONADO:** Oliveira terá que explicar à CPI da Câmara a transação de dinheiro

A Unipros deverá prestar contas do dinheiro que recebeu ao Ministério da Cultura. O ex-secretário disse que essa manobra adotada pela prefeitura de Florianópolis mostra a fragilidade destes programas. Homero Gomes acredita que "ficou evidente que houve manipulação política para a liberação de recursos, pois não haveria lógica numa decisão favorável para repassar quase R\$ 600 mil para festas de bairros com projeto de uma entidade de professores de música", afirma.

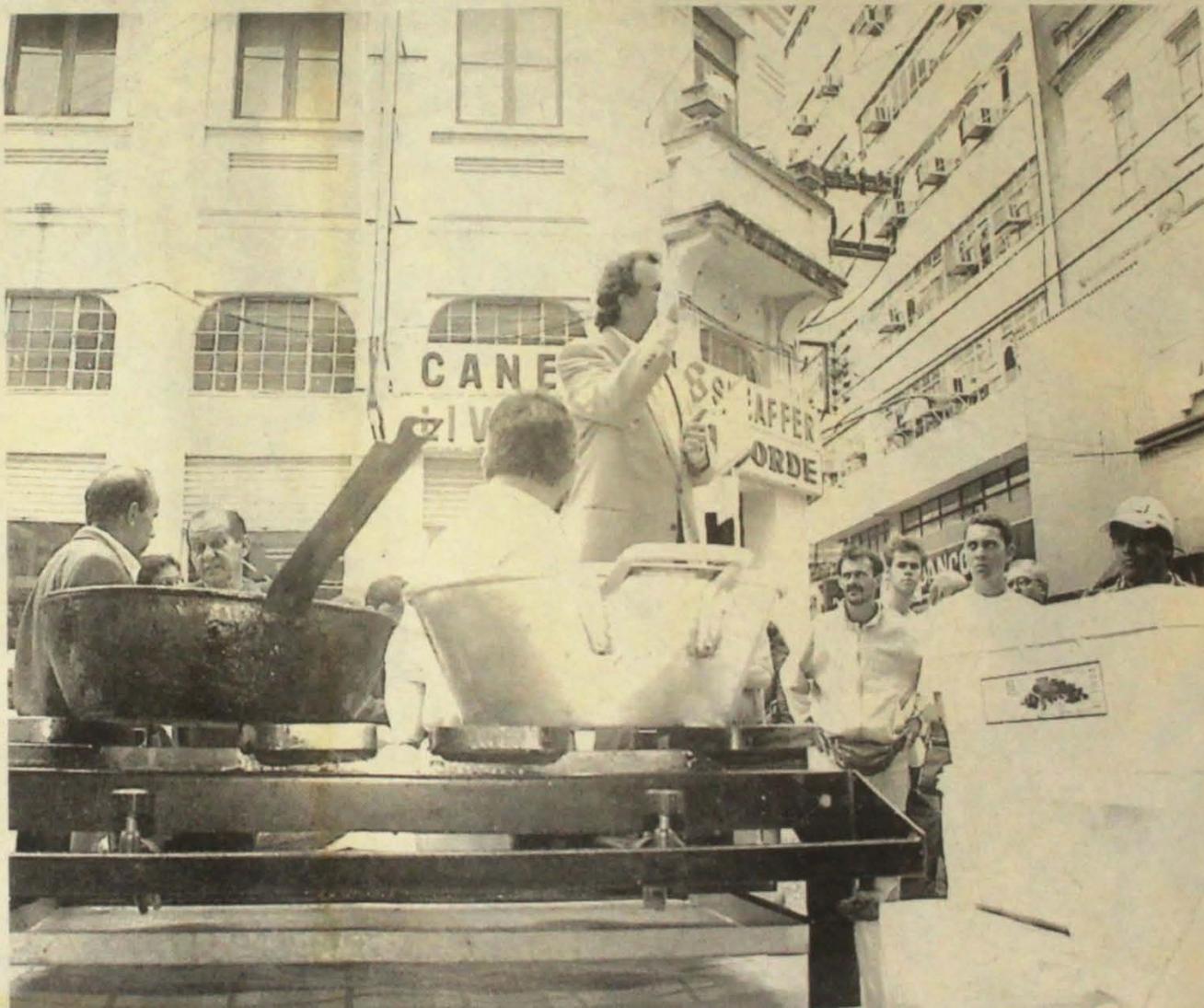
A polêmica agora está na CPI da Câmara de Vereadores, que vai ouvir os envolvidos e analisar a documentação. O fato da prefeitura ter recebido os R\$ 599.800,00 via Unipros, só ficou conhecido quando Oliveira precisou explicar o prejuízo da Festa da Tainha, realizada em julho do ano passado, do o centro comunitário discordava. Na ocasião, o secretário informou que houve doação de R\$ 99 mil para a festa, o que desencadeou a investigação da Comissão de Defesa do Consumidor. Quando o maestro foi ouvido trouxe à tona o montante de verbas em questão, o que levou a Câmara a instaurar a CPI.

# Envolvidos devem fazer acareação

FLORIANÓPOLIS

Os vereadores já pensam em fazer uma acareação entre os envolvidos na CPI, já que os depoimentos mostraram contradições. O secretário de Turismo, Airton Oliveira, desmentiu ontem a superintendente da Fundação Franklin Cascaes, Lélia Nunes, que afirmou ter participado do processo a pedido dele. "Não me lembro de ter solicitado nada para ela", disse. Ele garantiu também que o funcionário do Besc, Wallace da Silva, mentiu quando declarou que o dinheiro arrecadado na Festa da Tainha não foi depositado na conta bancária a pedido dele. "Não assinei nada. Não tenho nada a ver com isso." As assinaturas de cheques e recibos foram feitas por funcionários subordinados a ele, que afirmam estar cumprindo ordens do secretário.

Existe dúvida também sobre a autoria do projeto que, segundo o secretário, foi elaborado pela Fundação Franklin Cascaes. Lélia desmente. Outra questão é quanto ao pagamento de funcionários da prefeitura. Apenas um deles recebeu mais de R\$ 8 mil. O secretário alegou que se refere a serviço prestado, mas não explicou por que estava em nome de uma só pessoa. A Frente Popular promete repetir daqui a oito dias o ato público organizado ontem, com a distribuição de tainhas fritas à população. A idéia é chamar a atenção para a CPI da Tainha.



## PRESTAÇÃO DE CONTAS

Quanto foi gasto nas festas com verbas do convênio Unipros/Telebrás

Carnaval.....	R\$ 324.512,00
Aniversário da Cidade.....	R\$ 77.262,43
Festa Junina.....	R\$ 101.526,21
Festa da Tainha.....	R\$ 99.121,08
<b>Total.....</b>	<b>R\$ 602.421,72</b>

UNIPROS/FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

HERMES BEZERRA/DC/Florianópolis

**MOBILIZAÇÃO:** A Frente Popular distribuiu tainhas fritas à população para chamar atenção sobre irregularidades



R. Magalhães Jr. e Mario Quintana no encerramento do Habitusul-Correio do Povo 1981, no Hotel Laje de Pedra. Atrás, Laura Sandroni, Cícero Sandroni, Eglê Malheiros e Salim Miguel

# R. Magalhães Jr.

NEREU CORRÊA

**P**OUCOS dias antes do acidente que vitimou R. Magalhães Jr. recebi uma carta do escritor, na qual, entre outras coisas, me pedia notícias sobre o andamento da 4ª edição do seu livro *Poesia e Vida de Cruz e Sousa*, confiada à Fundação Catarinense de Cultura.

Homem estremamente ocupado, escritor, tradutor, teatrólogo, jornalista de alto nível, trabalhador infatigável, R. Magalhães Jr. ainda encontrava tempo para se corresponder com os amigos, embora o fizesse sempre às pressas, na própria mesa de redação, como se podia ver pelo corte irregular do seu cursivo, ora subindo ora descendo desajeitadamente, na dança assimétrica da escrita. O jornalista formidável não podia perder um só minuto na sua vida inteiramente dedicada à notícia ou à pesquisa, logo transformadas em livro ou reportagem.

A imprensa foi, com efeito, uma de suas grandes paixões. E pode-se dizer que o encanto do seu estilo, vazado em linguagem simples e clara, quase direta, provinha desse consórcio do jornalista com o escritor, da permanente curiosidade do repórter que se ampara no homem de letras para imprimir à reportagem a perdurabilidade da escrita.

R. Magalhães Jr. começou a sua vida literária com dois livros de contos, *Impróprio para Menores* e *Fuga e outros contos*. Mas logo deixou a ficção para dedicar-se ao jornal, desenvolvendo intensa atividade nos principais periódicos do Rio de Janeiro. Quando residiu nos

Estados Unidos, durante a guerra, colaborou no *The New York Times*, no *Pan American Magazine* e no *Theatre Arts*, tendo entrevistado para esses jornais grandes celebridades da época, como Thomas Mann, André Maurois, Emil Ludwig, Erich Maria Remarque, Antoine de Saint-Exupéry, Jacques Maritain, todos refugiados de guerra.

Além do jornalismo, R. Magalhães Jr. tinha mais duas paixões: o teatro e a biografia. Escreveu mais de 30 peças e traduziu e adaptou cerca de 100 obras de teatrólogos estrangeiros. Seus dramas e suas comédias atraíram numeroso público aos teatros da época, sendo que algumas delas foram representadas em vários países da Europa. Era a maior autoridade em história do teatro brasileiro. Daí a amplitude dos capítulos dedicados à arte dramática nas biografias de José de Alencar, Cruz e Sousa e Artur Azevedo.

A biografia, por sua vez, não passava de um prolongamento da sua atividade de repórter. Com efeito, R. Magalhães Jr. perquiria a vida dos seus biografados como quem ia fazer uma reportagem, com a curiosidade de querer tudo desvendar, sempre desconfiando do que os outros já haviam descoberto. E suas obras são modelares no gênero, tal o rigor da pesquisa, a honestidade da interpretação, o gosto da minúcia, a exatidão com que reconstituía o ambiente histórico e a época em que viveram os seus personagens. Não são biografias romancadas, em que a imaginação do autor completa os fatos historicamente com-

provados, e às vezes até se sobrepõe a eles.

Ao escrever sobre a 3ª edição de *Poesia e Vida de Cruz e Sousa*, observei que, enquanto muitos biógrafos costumam retocar a imagem dos seus retratos, tirando-lhes os sinais e as berrugas, Magalhães procurava recolocá-las nos seus lugares, de tal maneira que o retrato poderia não sair mais bonito, mas sem dúvida era mais autêntico. Por isso nunca considerava os seus trabalhos obras definitivas. Publicado o livro, era como se o não tivesse escrito, pois continuava pesquisando infatigavelmente, de tal maneira que cada reedição das suas biografias vinha sempre enriquecida de novas achegas.

Depois de haver publicado três livros sobre Machado de Assis — *Ao redor de Machado de Assis*, *Machado de Assis desconhecido* e *Machado de Assis funcionário público* — e quando todos imaginavam que ele esgotara todas as fontes machadianas, eis que, pouco antes de morrer, surpreende os meios literários com a mais completa biografia publicada até hoje sobre Machado (nada menos de quatro volumes), um verdadeiro monumento erguido à memória do nosso maior escritor.

Magalhães costumava dizer que Machado se tornara um fantasma na sua vida. Onde quer que estivesse, na rua ou em contato com as fontes arquivísticas do país, ou em viagens pelo estrangeiro, o Bruxo do Cosme Velho estava sempre nas suas pegadas, a persegui-lo ou a instigá-lo com os acicates dos seus enigmas.

Outro aspecto das suas biografias é o lado polêmico, de que são exemplos Rui Barbosa, o homem e o mite e *A vida turbulenta de José do Patrocínio*. A primeira, quando foi lançada, suscitou grande celeuma nos meios culturais, provocando réplicas violentas dos admiradores incondicionais do grande brasileiro. Mas nenhuma afirmativa do autor foi lançada a esmo, infundadamente, com o único e exclusivo propósito de miniaturar a estatura do gigante. José do Patrocínio também aparece desmitificado no livro que lhe dedicou o biógrafo admirável, como um astro fotografado a pequena distância, com todas as suas craters à vista.

Se é verdade que depois que nos mudamos para o outro lado da vida os mortos continuam se comunicando entre si, na perene comunhão dos espíritos, a esta hora R. Magalhães Jr. deve estar exercendo a sua função de repórter, de lápis e papel na mão, num encontro com os seus biografados — Artur Azevedo, Olavo Bilac, Machado de Assis, Casimiro de Abreu, Martins Pena, Augusto dos Anjos, João do Rio, José de Alencar etc.

— em busca de respostas para algumas questões que não conseguira resolver aqui na Terra. Parece que o vejo acercar-se de Machado de Assis e desfechar-lhe, à queima-roupa, esta pergunta sobre um dos maiores enigmas machadianos:

— Até hoje se discute no Brasil se Capitu era ou não inocente. Que me diz o Mestre sobre isso?



# ESCRITORES CHEGAM PARA FINAL DO CONCURSO APESUL

Chegaram ontem à tarde a Porto Alegre os convidados especiais que vão participar da grande festa de encerramento do Prêmio Apesul Revelação Literária 79, hoje no Hotel Laje de Pedra, em Canela. Ignácio de Loyola Brandão, Salim Miguel, Eglê Malheiros, Flávio Aguiar, Marisa Raja Gabaglia, Mário Pontes e Remy Gorga Filho seguiram imediatamente para a serra, enquanto Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos, Fausto Cunha, Moacyr Werneck de Castro, e Antônio Callado, acompanhados pelo poeta Mário Quintana, dirigiram-se à TV Guaíba para gravar o programa *Em busca da verdade*, que vai ao ar hoje à noite.

"O artista deve ser inteiramente livre", declarou Antônio Callado: "Não deve pen-

sar apenas nos frutos que a literatura pode produzir, mas não pode fechar os olhos diante da realidade, pensar que não tem nada a ver com a tortura que aconteceu no Brasil". Sobre a atual abertura ele acredita que não dá para confiar nas intenções do governo: "Não há garantias. O que parece é que é hora do recreio e é permitido fazer o que se quiser até tocar o apito".

Paulo Mendes Campos vê o período da censura como um grande atraso para o país: "Coisas intoleráveis aconteceram e não foram divulgadas, isso falando apenas na área da informação jornalística. E como as vítimas são vítimas para sempre nosso trabalho agora é evitar que isso aconteça no presente e no futuro". Sobre a

questão, Fernando Sabino acrescentou que graças à incompetência da censura — "nenhum intelectual trabalha contra si mesmo" — algumas coisas puderam ser publicadas.

Analisando a situação atual, Otto Lara Resende comentou: "Toda a vez que houve um fechamento no Brasil a situação piorou. No fundo, querem combater a liberdade que tem um preço que ninguém paga". Moacyr Werneck de Castro falou sobre a nova Lei de Segurança Nacional: "Apenas as penas foram diminuídas. Esta é uma lei que não pode coexistir com o Estado de Direito. Por exemplo, ela permite a apreensão de jornais, vistos como obstáculos que devem ser removidos".



Nomes consagrados da literatura brasileira vieram participar da festa de encerramento

## Prêmios aos melhores serão entregues em Canela

Vão ser proclamados hoje, durante a festa de confraternização no Hotel Laje de Pedra em Canela os quatro vencedores finais — nas categorias Conto, Crônica, Poesia e Literatura Infantil — do Prêmio Apesul Revelação Literária 1979, promovido pela Companhia Jornalística Caldas Júnior e Instituto Estadual do Livro, com patrocínio do Grupo Habitasul. Na ocasião também será lançada uma antologia (em três volumes), com todos os trabalhos que venceram as etapas mensais, além dos que receberam menção como destaque por sua qualidade literária.

As comissões julgadoras do Prêmio Apesul são formadas por nomes consagrados nas letras do Rio Grande do Sul: Guilherme César, Carlos Carvalho e Moacyr Sollar (em Conto); Mário Quintana, Carlos Nejar e Héitor Saldanha (em Poesia); Sérgio da Costa Franco, Lya Luft e Ivette Brandalise (em Crônica); Maria de Lourdes Sá Brito, Nize Puchalsky Teixeira, Mary Weiss, Maria Dinaora Luz do Prado e Ana Maria Bohre (Literatura Infantil).

Os jurados vão apontar os vencedores (que receberão prêmios de Cr\$ 30 mil e placa alusiva ao acontecimento), entre os melhores das etapas mensais. Em Conto, a revelação poderá ser: Romel Sasso Simões, com *Atirador de Facas*; Muriel Wanessa Torres Maia, com *Roberta*; João Batista Oliveira Ferreira, com



Pela segunda vez, Fausto Cunha e Paulo Mendes Campos são convidados especiais

*Feriado*; Paulo Betancour, com *Variações de Tédio*; Maria Irtilia Vieira da Cunha Silva, com *Na Coxilha*.

Em Poesia concorrem: Romel Sasso Simões, com *Teu peito pulsa e Horas da Noite*; Brucevalne de Souza Darde, com *Desafio*; Frederico Irlanda, com *Liberdade*; Gabriel Costa e Silva, com *Cantata no 2*; Roberto Haroldo

Bins, com *Gênesis II*; Téo Iglesias, com *Poema triste em Porto Alegre e Aquilo Hoje — Múltiplo*.

Em Crônica: Marina Krischer Dias, com *Projeção*; José Blaya Perez Filho, com *Petição*; Maria Helena Tomé Gonçalves, com *Canção de Amor*; Paulo Carlos de Alto

Graça Costa Simm, com *Você sabe com quem está falando?*

Em Literatura Infantil: William Rafael Tucci, com *O Pato*; Emílio Eneyda Madalena, com *O Cavalinho Verde*; Auri Sudati com *O maior herói do mundo*. Irmgard Elisabeth Feddersen, com *Um menino de alto*

Fontanive com *A lagartixa arredontada*.

Foram destaques nas etapas mensais e têm seus trabalhos incluídos na antologia do concurso: Carlos Gerbase, Carmem Teresinha Lucca de Camargo, Orial Sória Machado, Paulo Roberto de Sá, Carlos Roberto Gerreira Gallo e Dione Masia Detanico (em Conto); Romeu Sasso Simões, Susana Job Borges da Fonseca, Cláudio Roberto Stefaniak, João Newton Vargas Alvim, Sérgio Napp, Danilo Gandin, Jarbas Cunha, Virginia Capparelli de Andrade, Maria Cândida Cáceres Astigraga, Maria de Graça Guimarães Barbosa, Pascoal Antônio Gonçalves Brandi, Elisabete Alves, Maria Helena da Cunha (em Crônica).

Foram destacados em Poesia Sérgio Napp, Basil Sefton, Paulo Roberto Garcia Bottega, Roberto Schmitt Pryn, Rosilene Mohr, Maria Mercedes Bendati, Romar Dalla Porta, Dallo de Freitas, Carlos Eduardo Alvim, Antônio Carlos Nedel, Lindenberg Miranda, Landete Fernandes, Rogério Ruschel, Luiz Burmeister, Jorge Buffara, Elisabeth Salgado, Terezinha Medeiros, Roberto Mara, Jairo Bueno Ronald da Costa, Antônio Faffi Elisabete Alves, José Grassler, Vítor Glaroli, Maria Gereti da Costa Gilberto Paiva, João Carlos Henz. Em Literatura Infantil: Irmgard Feddersen, Ab'ico Chassot, Eliana Rosa Pires e Virginia de Andrade.



No aeroporto, uma "pose especial" para a imprensa

## Maiores nomes da Literatura vão entregar Prêmio Apesul

O avião que aterrisou às 15 horas de ontem no aeroporto Salgado Filho, vindo do Rio de Janeiro, trouxe alguns dos maiores nomes da literatura brasileira moderna: Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos, Fausto Cunha, Moacyr Werneck de Castro, Antonio Callado, Ignácio de Loyola Brandão, Marisa Raja Gabaglia, Flávio Aguiar, Mário Pontes, Salim Miguel, Remi Gorga Filho e Eglê Malheiros. Do aeroporto, eles partiram para a cidade de Canela, onde participam, hoje, da festa de encerramento do Prêmio Apesul Revelação Literária de 1979, promoção do *Correio do Povo*, Grupo Habitaviv e Instituto Estadual do Livro, no Hotel Laje de Pedra.

O desembarque no Salgado Filho marcou o reencontro dos escritores do centro do Rio Grande do Sul. Especialmente com o poeta Mário Quintana, que chegou cedo para receber os velhos companheiros de literatura. Depois de muitos abraços e algumas apresentações, além da tradicional foto em grupo, a maioria embarcou no ônibus especial que os levaria à Canela. Outros — Fernando Sabino, Fausto Cunha, Moacyr Werneck de Castro, Antonio Callado, Ignácio de Loyola Brandão, Marisa Raja Gabaglia, Flávio Aguiar, Mário Pontes, Salim Miguel, Remi Gorga Filho e Eglê Malheiros — ficaram em Porto Alegre para gravar o programa "Em Busca da Verdade Especial", sobre a literatura brasileira, o papel do escritor e a censura contra as manifestações artísticas e culturais.

— A censura causou um grande atraso social, afirmou Paulo Mendes Campos. Presenciamos coisas absolutamente intoleráveis, que não podiam ser divulgadas. Se na literatura esta asfixia pode ser recuperada, no campo social os danos são irrecuperáveis — as vítimas continuam sendo vítimas sempre.

— Eles não tinham competência, graças a Deus, acrescentou Fernando Sabino. E partiam para perseguições quase pessoais. A nossa editora — a Sabliá — por exemplo, podia publicar muitas obras que para as outras eram proibidas energeticamente. O fato é que nenhum intelectual, nenhum ser pensante aceitará ser um censor. Por isso, o baixo nível da censura oficial.

— Eu não tenho segurança de que não voltaremos ao império da censura, alerta Antonio Callado. Esta abertura me parece uma espécie de recreio de escola primária. A gente pode brincar à vontade, pular carniça, se divertir, mas depois pode tocar a sineta e nós

retornamos à aula.

O poeta Mário Quintana foi o último a falar. E definiu sua opinião numa frase, revedida como o resumo do que todos pretendiam dizer: "A censura é uma palavra que não devia existir no dicionário".

Antes do debate sobre a censura, os escritores procuraram definir as obras literárias e os autores mais representativos da sociedade brasileira, ou aqueles que a pessoa que pretenda conhecer a nossa literatura não pode deixar de ler. Otto Lara Resende citou *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, qualquer obra da fase realista de Machado de Assis, um autor como Capistrano de Abreu, além de *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, e *o Tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo. Fernando Sabino fez questão de acrescentar um pouco de poesia, citando autores como Gonçalves Dias, Castro Alves, Osvald de Andrade, Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Mário Quintana.

A festa de encerramento do Prêmio Apesul Revelação Literária 79 terá início às 10 horas de hoje, com a entrega dos prêmios aos vencedores das quatro categorias — conto, crônica, literatura infantil e poesia. Ao meio-dia, haverá um almoço de confraternização e todos retornam a Porto Alegre.



Millôr, Campos, Salim, Callado, Sabino, Ziraldo e Braga já em Canela

## Festa final do Apesul 80 já reúne grandes nomes da literatura em Canela

Todo concurso de literatura deve ser incentivado, pois valoriza estereótipos. A opinião é dos escritores Millôr Fernandes, Ziraldo, Fernando Sabino, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos e Salim Miguel. Eles se encontram e Canela desde a noite de ontem, como convidados especiais do Apesul Revelação Literária 1980, cujo encerramento será realizado amanhã, no Hotel Laje de Pedra. Logo após sua chegada a Porto Alegre, o grupo foi recepcionado com um almoço na sede da Habitasul e, também ontem, gravou entrevistas na TV-2 Guaíba.

Ainda tratando do problema de divulgação dos novos talentos e da importância dos concursos, o cronista Paulo Mendes Campos sugeriu que o prêmio Apesul seja estendido a estudantes de II Grau. Afinal, completou Ziraldo (conhecido chargista e o autor de livros infantis como "Flicts" e "O Menino Maluquinho"), os escritores estereótipos têm de enfrentar um forte obstáculo — a dificuldade de divulgação. "Mesmo assim, hoje contamos com um time de primeiríssima na literatura brasileira."

Rubem Braga, autor, dentre muitos outros, do livro de crônicas "Al de Ti, Copacabana", lembrou a revelação de Fernando Gabeira. "Novo em sua forma de escrever pois lançou um tipo de narrativa inédito, onde faz uma reflexão das atitudes tomadas pela inteligência brasileira durante o período de repressão ditatorial do Governo". Já o contista catarinense Salim Miguel pensa que há um mercado paralelo para o novo escritor, em especial para o contista.

Durante quatro anos, comentou ele, "fiz parte da direção da revista 'Ficção', que lançou, em sua época, cerca de 500 autores de contos. Somente esse fato mostra que a história curta — o conto — é vigorosa, atuante". Dentro da crônica, por sua vez, Rubem

de Luis Fernando Veríssimo: "Ele é a grande novidade pelo menos para nós, do Rio de Janeiro e São Paulo. O certo é que possui uma boa aceitação em todo o Brasil".

### ROMANCE

Antônio Callado, o autor de "Quarup", pensa que a fase atual é positiva também para o romance, gênero que muitos chegaram a considerar como em extinção dentro da literatura brasileira. "O romance vai bem. Depois de uma fase de grande número de contistas, temos o ressurgimento do romance. Parece que, antes, a ditadura fazia com que a pessoa escrevesse cada vez menos. Daí a existência de tantos contistas."

Para Ziraldo, a década de 80 trará o fortalecimento da literatura infantil. Quando publicou seu mais novo livro, "O Menino Maluquinho", ele pôde verificar o interesse das escolas em estimular o hábito da leitura entre os estudantes. "O fato é que a televisão ajudou as crianças a deixarem de ler. Há uma geração inteira que leu muito pouco. Só o livro convida a refletir, podendo mesmo alterar a vida de alguém".

Já Antônio Callado acredita que a televisão também a-

judou no renascimento da literatura infantil, fazendo programas baseados na obra de Monteiro Lobato, como "O Sítio do Picapau Amarelo". E lembra ainda o papel da televisão norte-americana durante a Guerra do Vietnã revelando muitos fatos desconhecidos da opinião pública.

### JOHN LENNON

Ainda no aeroporto Salgado Filho, o humorista e teatrólogo Millôr Fernandes lembra que, em 1974, havia traduzido alguns contos do livro "About the Horror", do ex-beatle John Lennon, assassinado esta semana. "Nunca fiquei sabendo se chegaram a publicar o livro no Brasil. Pode ser que agora exista o interesse".

Para a entrega dos prêmios (categorias de conto, crônica, poesia e literatura infantil) do Apesul Revelação Literária 80, promovido pelo Correio do Povo, Instituto Estadual do Livro e Grupo Habitasul, também foram convidados os escritores Josué Guimarães, Ferreira Gullar, Moacir Werneck de Castro, Moacir Scliar, Carlos Reverbel, Mário Quintana e Maria Dinorah Luz do Prado. Juntos, eles participarão de uma sessão de autógrafos amanhã, no Laje de Pedra.



Grupo Habitasul recepcionou os escritores

## FESTA DE ENCERRAMENTO EM CANELA



Francisco Antonio Caldas saudou os vencedores



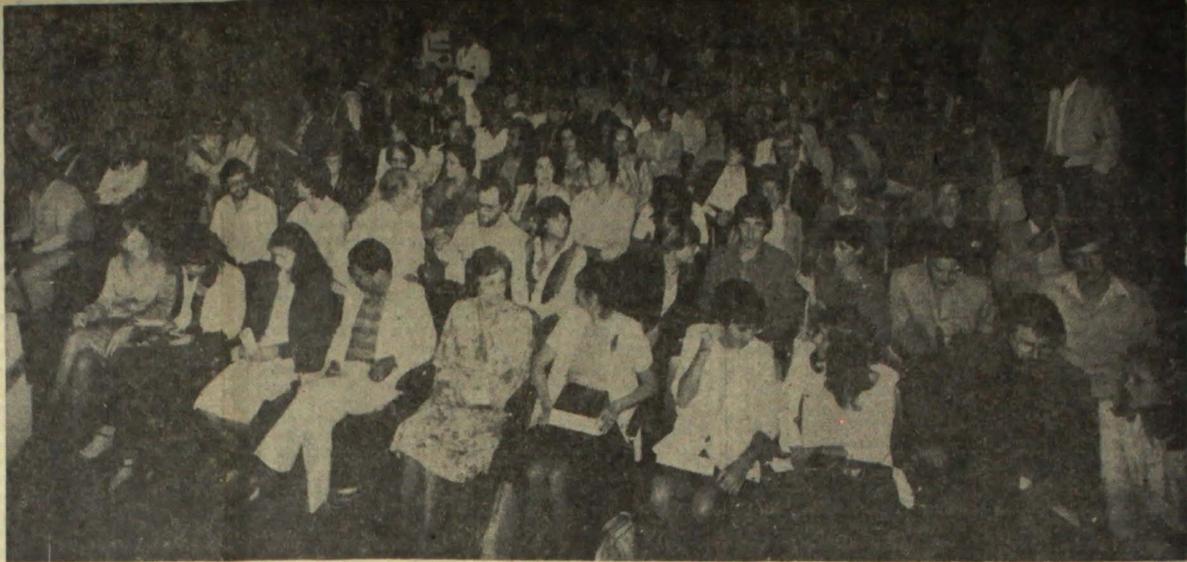
Péricles Druck citou os bons resultados do Prêmio



Raimundo Magalhães Júnior sugeriu a inclusão do teatro no concurso



Alegre, Millôr foi a nota bem humorada da festa



Público lotou o Auditório do Hotel Laje de Pedra

## Habitasul-Correio revela quatro escritores novos ao público leitor

Paulo Ricardo Becker (com a poesia "A Cidade, o Homem"), Iria Müller Poças (no gênero da ficção infantil com seus três trabalhos "O Passeio de Rói-rói", "Um Acontecimento Diferente" e "A Vassoura Voadora"), Luiz Alberto Hebeche (com o conto "La Pasiva") e Virginia Capparelli de Andrade (com a crônica "Ensaio"). Desde sábado, estas são os quatro novos escritores entregues ao público leitor pelo Prêmio Habitasul-Correio do Povo Revelação Literária 1981.

A entrega de prêmios (Cr\$ 100 mil e uma placa em prata para cada um dos vencedores) ocorreu no Hotel Laje de Pedra, em Canela, numa festa iniciada às 10h e que se prolongou até o final da tarde, incluindo um almoço e sessão de autógrafos. Concorriam 20 nomes inéditos da literatura de todo o Estado.

Além dos premiados, estes também eram concorrentes. Poesia — Lígia Steigleder Chaves ("Tempo de Consolação"), "Tempo de Exaltação", "Tempo de Contribuição", "Tempo de Libertação", "Tempo de Doação"; Colbert Soares Pinto Júnior ("Corrosiva" e "Platônica"); Berenice Correa Ravanello ("Figuras") e Manoel J. M. Lucas ("O Outono do Patriarca").

Nas demais categorias os nomes eram: conto — Carlos Gerbase ("O Caso da Camiseta" e "Comigo Não"), Erwin Todt ("A Estrela de Cinema e Eu"), Paulo Roberto de Sá ("Contratempo") e Kátira Ilieff Funk ("Querido Diário"); crônica — Vera Regina Jaeger ("O Meu Tio José"), Elisabeth Alves ("Tempo" e "Profunda Hora"), José Katz ("As Velhas Senhoras") e Zenir Flores Machado ("Retrato"); ficção infantil — Leda Noemi Mendes ("O Ovo Azul da Cocó"), Helena Graziotin ("Brinquedos Falantes"), Paulo Amando de Oliveira Rocha ("A Aventura do Piafzinho Colorido") e Alice Gemma Breda Migliavacca ("O Pára-queadas do Pimplim").

### CERIMÔNIA

A proclamação dos escritores-revelação de 1981 ocorreu no Salão Nobre do Laje de Pedra, que ficou lotado. Compareceu uma média de 300 pessoas — premiados e destaques do ano, escritores, jornalistas, familiares e diversas autoridades convidadas.

Para os escritores iniciantes foi uma ótima oportunidade também de confraternizar com diversos nomes já consagrados da literatura brasileira. Entre outros, estavam presentes à festa: Millôr Fernandes, Fernando Sabino, Josué Guimarães, Carlos Eduardo Novaes, Salim Miguel, Cícero e Laura Candroni, Marcos de Vasconcellos, Raimundo Magalhães Júnior, Domingos Pellegrini Júnior, Lya Luft, Moacir Sellar, Eglê Malheiros, Paulo Rónai, Mário Quintana, Luiz Fernando Veríssimo, Moacyr Werneck de Castro, Paulo Gouvêa da Costa, Roberto D'Ávila.

Péricles de Freitas Druck, presidente do Grupo Habitasul, que dirigiu a cerimônia, citou alguns números que comprovam o sucesso do concurso. Segundo ele, mais de 22 mil trabalhos disputaram, entre 1978 e 1981, os prêmios oferecidos. Houve, durante o mesmo período, 9 571 inscrições individuais. E o mais importante: vários dos autores selecionados pelos jurados iniciaram carreira literária, assinando colaborações para jornais e inclusive publicando livros.

### ENTREGA

Em 1982, na quinta edição, além das duas antologias com os trabalhos vencedores do ano, o concurso lançou um outro volume, com obras de escritores revelados nas realizações anteriores. Também participaram da mesa que presidiu a entrega de prêmios: Günter Schlieper, prefeito de Canela; Luís Carlos Barbosa Lessa, secretário estadual de Cultura, Desporto e Turismo; Jair Hamens, secretário extraordinário do Governo de Santa Catarina; Francisco Antonio Caldas, diretor da Empresa Jornalística Caldas Júnior; Jayme Copstein, coordenador do Prêmio; e Mauro Corté Real, superintendente da área de Hotelaria do Grupo Habitasul.

Em seguida, o escritor gaúcho Josué Guimarães subiu ao palco para comunicar o nome do autor-revelação do ano em ficção infantil. O escritor e tradutor Paulo Rónai foi chamado para entregar a placa alusiva e Raimundo Magalhães Júnior para passar às mãos da vencedora Iria Müller Poças a caderneta de poupança no valor de Cr\$ 100 mil. Iria foi conduzida ao palco por Cícero Sandroni.

Foi a vez, então, da crônica. Carlos Eduardo Novaes anunciou a vencedora e Luis Fernando Veríssimo entregou o prêmio enquanto Fernando Sabino fazia o mesmo com a placa. A cronista revelação de 1981 Virginia Capparelli de Andrade foi conduzida ao palco por Millôr Fernandes. A seguir, foram chamados Mário Quintana, Moacyr Werneck de Castro para entregarem o prêmio e a placa, e Marcos Vasconcellos para anunciar o melhor contista — Luís Alberto Hebeche, levado ao palco por Eglê Malheiros.

Por fim, foi anunciado o nome do vencedor em poesia: Paulo Ricardo Becker. João Nicolau de Carvalho, da Fundação Catarinense de Cultura, entregou a placa e Carlos Menezes, a caderneta de poupança. O nome de Becker foi anunciado pelo jornalista e apresentador de televisão Roberto D'Ávila, e ele chegou ao palco conduzido por Lara de Lenos.

### NOVO GÊNERO

Após a entrega de prêmios, o diretor da Empresa Jornalística Caldas Júnior, Francisco Antonio Caldas, fez um breve discurso de saudação aos vencedores. Com um passado em 86 anos dedicados à cultura riograndense, "nossa empresa sempre fez questão de revelar novos valores, de estimular as boas vocações literárias e de criar em torno de si um ambiente favorável à ebulição cultural. No caso particular destes prêmios, temos orgulho de acentuar que a iniciativa não frustrou nossas esperanças, ao contrário, excedeu todos os melhores prognósticos".

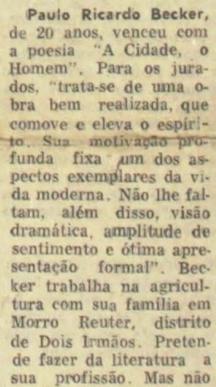
Em seguida, falou o secretário Barbosa Lessa, congratulando-se com a iniciativa e salientando sua importância. Foi então que, solicitando a parte, o escritor Raimundo Magalhães Júnior, membro da Academia Brasileira de Letras, sugeriu a inclusão de nova categoria: a do teatro. Péricles de Freitas Druck afirmou que tal sugestão será posta em prática na quinta edição do concurso, em 1982.

Na tarde de sábado, após almoço no Salão do Implúvio, houve sessão de autógrafos tanto dos vencedores do prêmio, como dos escritores convidados. Foi bastante concorrida, com os gaúchos, em especial, fazendo grande sucesso.

## OS VENCEDORES



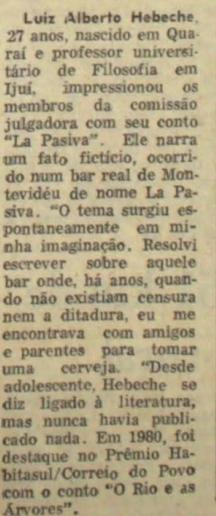
Virginia Capparelli de Andrade foi a vencedora do gênero da crônica com "Ensaio". Bibliotecária do IPERGS, destaca em crônica e em literatura infantil de 1979, duas vezes destaque em literatura infantil em 1980, ela classificou-se na etapa de junho do Prêmio Habitasul-Correio do Povo. Virginia, de 32 anos, focaliza quase que obsessivamente o mesmo tema: o confronto entre a aparência e a essência das pessoas. Segundo a comissão julgadora, "Ensaio" revela "na fluidez da frase, no domínio do idioma, na precisão dos conceitos, nos toques de lirismo bem temperado de ternura e ironia, a recruta pronta ao assédio da cidade do público e da crítica. Não temos dúvida de que conquistará um e outra".



Paulo Ricardo Becker, de 20 anos, venceu com a poesia "A Cidade, o Homem". Para os jurados, "trata-se de uma obra bem realizada, que comove e eleva o espírito. Sua motivação profunda fixa um dos aspectos exemplares da vida moderna. Não lhe faltam, além disso, visão dramática, amplitude de sentimento e ótima apresentação formal". Becker trabalha na agricultura com sua família em Morro Reuter, distrito de Dois Irmãos. Pretende fazer da literatura a sua profissão. Mas não se ilude com esperanças ingênuas. Tem consciência das dificuldades para editar livros e do pouco que é pago aos escritores. "O próprio Carlos Drummond de Andrade, nosso poeta maior se aposentou como funcionário público", lembra ele.



Iria Müller Poças classificou-se na primeira etapa com os três trabalhos vencedores de ficção infantil: "O Passeio de Rói-rói", "Um Acontecimento Diferente" e "A Vassoura Voadora". Jornalista, trabalhando no Departamento de Educação Especializada da Secretaria de Educação, começou a escrever há pouco tempo. Seus contos são textos pequenos para crianças recém ou ainda não alfabetizadas. Animais e objetos inanimados, que ganham vida própria, formam os personagens dos trabalhos de Iria. Ela garante que estes são os temas mais apreciados pelas crianças nessa fase de suas vidas: "é o mundo mágico da infância".



Luiz Alberto Hebeche, 27 anos, nascido em Quaraí e professor universitário de Filosofia em Ijuí, impressionou os membros da comissão julgadora com seu conto "La Pasiva". Ele narra um fato fictício, ocorrido num bar real de Montevideu de nome La Pasiva. "O tema surgiu espontaneamente em minha imaginação. Resolvi escrever sobre aquele bar onde, há anos, quando não existiam censura nem a ditadura, eu me encontrava com amigos e parentes para tomar uma cerveja. Desde adolescente, Hebeche se diz ligado à literatura, mas nunca havia publicado nada. Em 1980, foi destaque no Prêmio Habitasul-Correio do Povo com o conto "O Rio e as Árvores".

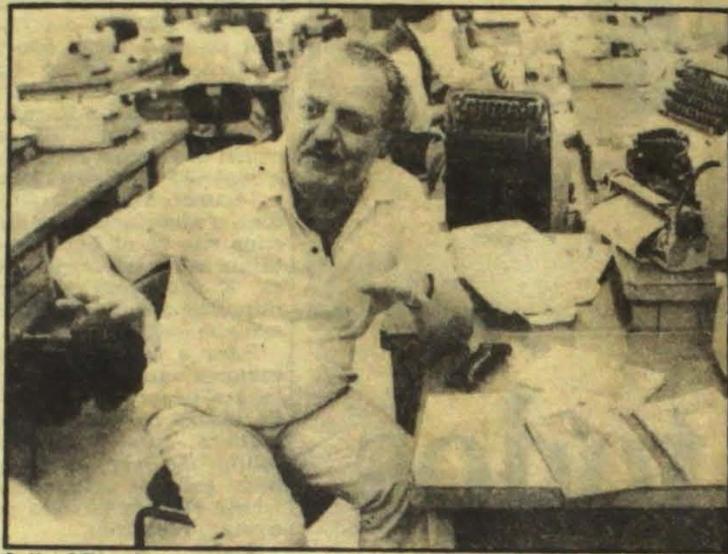


Eglê Malheiros conduziu Luiz Alberto Hebeche ao palco

# Catarinenses trazem para Feira a Antologia do Varal Literário

A Editora da Universidade Federal de Santa Catarina está lançando nesta Feira quatro livros que estarão sendo autografados a partir das 20 h de hoje: "Antologia do Varal Literário", com coordenação e introdução de Alcides Buss; "Este Mar Catarina", com contos de diversos autores, tendo como tema o mar; "Partidos e Políticos de Santa Catarina", de Carlos Alberto Silveira Lenzi; e "O Detetive de Florianópolis", com crônicas de Jair Francisco Hamms.

O "Varal Literário" é um movimento que reúne escritores jovens, em Florianópolis. Eles costumam "pendurar" textos e poemas em espaços abertos, como o campus universitário, ou embaixo da tradicional figueira da Praça XV, no centro da capital catarinense. Durante essas exposições, o grupo recolheu sugestões do público, através de uma votação, selecionando os melhores trabalhos, entre textos, poemas, charges e outras propostas, reunidas agora nesta publicação. Além de autografar a sua antologia, os integrantes do "Varal" vão expor seus trabalhos na Praça da Alfândega, durante todo o dia de hoje, recitando seus poemas e ofere-



Salim Miguel vem com uma "caravana" de autores

cendo seu próprio espetáculo visual.

Também estarão na Feira os organizadores de "Este Mar Catarina", Flávio José Cardoso, Salim Miguel e Silveira de Souza. A obra reúne 18 contos de escritores catarinenses em diversos temas, com o tema o mar, tema característico da literatura local, tanto pela ex-

tensão do litoral quanto pela sua importância na vida dos habitantes de Santa Catarina. Entre os autores, estão Adolfo Boos Júnior, Amílcar Neves, Emanuel Medeiros Vieira, Virgílio Várzea e Guido Wilmar Sassi. Além da coletânea, a obra traz ainda alguns dados sobre cada um dos escritores e, ao final, um estudo cri-

tico dos contos, por Nereu Corrêa.

Outro dos lançamentos, "Partidos e Políticos", faz um levantamento de movimentos e de figuras importantes na vida política do Estado, desde os tempos do Império. Seu autor, Carlos Alberto Silveira Lenzi, é jornalista, professor e advogado. O outro livro que está sendo lançado hoje na Feira pela Editora da UFSC, é "O Detetive de Florianópolis", de Jair Francisco Hamms que segue uma linha de humor, acompanhando um personagem (o "Detetive") em crônicas que procuram captar o espírito irreverente e gozador do ilhéu. Além disso, há outras que tratam também da ilha de Santa Catarina.

Depois que a Fundação Catarinense de Cultura desativou suas edições (F.C.C.), coube à Editora da UFSC assumir o lançamento dos novos autores do Estado, o que já está fazendo há cerca de dois anos e meio. Implantada em 1981, a Editora procura atuar não só nas áreas de livros didáticos e livros-textos, mas também na área de criação literária, tanto de autores catarinenses quanto de outros Estados, desde que



tratem de assuntos relativos a Santa Catarina.

Seu diretor, Salim Miguel, informa que a filosofia de trabalho é procurar equilibrar o lançamento de títulos vendáveis com outros que não apresentem um retorno imediato, mas que contribuam para que a Universidade seja identificada com um centro de produção e de difusão da cultura local.

# Comitiva catarinense autografa à noitinha

Como tem ocorrido nos últimos anos, a Feira do Livro de Porto Alegre viverá, hoje, um momento dedicado aos autores de Santa Catarina. Em anos anteriores, eles chegavam aqui através da Fundação Catarinense de Cultura. Neste ano, quem responde pela promoção é a própria Universidade Federal de Santa Catarina, que comparecerá com seis autores, no mínimo, já que algumas das obras são trabalhos coletivos.

A Editora da UFSC, hoje com a direção do escritor e jornalista Salim Miguel, vem buscando um importante equilíbrio entre a editoração de livros técnico-científicos, especialmente textos destinados a seus cursos, e a obra de ficção e poesia literária, bem como de crítica de artes, que permite à Universidade o contato sempre imprescindível com a comunidade e, sobretudo, a divulgação dos grandes nomes da literatura barriga-verde.

Neste ano, os autógrafos previstos são das obras coletivas "Este Mar Catarina" e "Antologia do Varal Literário", e das obras individuais "O Detetive de Florianópolis",

de Jair Francisco Hamms, "Partido e Políticos de Santa Catarina", de Carlos Alberto Silveira Lenzi, "Paisagismo de baixo custo", de Valmy Bittencourt, "Os Governantes de Santa Catarina — 1739 a 1982", de Carlos Humberto Corrêa e "Reflexões para uma Política da Cultura", de Osvaldo Ferreira de Melo.

A "Antologia do Varal Literário", organizada pelo poeta Alcides Buss, idealizador deste movimento poético, resulta de uma seleção do público, feita dentre os vários trabalhos que constaram das inúmeras exposições que o Varal realizou, não apenas em Santa Catarina como em outros Estados.

"Este Mar Catarina" é uma antologia de textos de autores catarinenses inteiramente voltada para o mar. O volume se organiza em três partes, "mar bravo", "mar contido" e "mar submerso" e reúne ficcionisas do conto, romance e novela que referiram de maneira direta ao mar.

Os lançamentos dos catarinenses estão marcados para a partir das 19 horas.

## Edufsc completará 200 títulos neste ano

*Em 1984 a Editora da UFSC foi apontada pelo jornal Leia Livros com a 45ª editora do país, entre as 100 principais de um número de 600 existentes. Hoje ela é uma das quatro principais editoras universitárias do Brasil. Este ano são previstas 40 publicações que deverão completar 200 títulos desde que foi implantada, há seis anos, isto, conta Salim Miguel, com recursos de três fontes. Da UFSC eles têm a infra-estrutura (gráfica, luz, telefone, funcionários). Do MEC, no ano passado, receberam uma verba do programa Nova Universidade. A última fonte é o próprio retorno financeiro da venda dos livros.*

*Mas a luta é grande para equilibrar receita/despesa. Atualmente a editora já tem um espaço respeitado no país. Com quase 200 títulos, mais da metade esgotados, e com uma boa resposta do mercado é que as distribuidoras começaram a não fazer cara feia para vender os livros editados pela UFSC. Os livros, segundo Salim, tem um caráter cultural, mas isto não significa que eles devam ficar em depósitos empoeirados, ou serem distribuídos gratuitamente.*

### DILEMA

*Publicar os 30 novos títulos aprovados pelo Conselho Editorial ou reeditar os 100 esgotados que têm um mercado garantido? Este é um dilema que enfrenta Salim Miguel, mas ele considera que os autores que estão na fila de espera não podem ser precedidos. "Não é justo", diz ele. Mas os livros esgotados têm inclusive pedidos de universidades que já os adotaram nos seus programas escolares.*

*Entre os mais solicitados estão o Fantástico na Ilha de Santa Catarina de Franklin Cascaes; Santa Catarina, sua história de Walter Piazza; Últimos sonetos de Cruz e Sousa; Este mar catarina, coletânea de contistas catarinenses e daí por diante. Outros títulos, ligados à área médica, como Drogas Antibióticas, Centro Cirúrgico, Lesões Crônicas e Métodos Radiográficos, foram cedidos para publicação por outras editoras universitárias, por impossibilidade de publicação pela gráfica da UFSC que, também tem compromisso com toda papelada burocrática que os livros precisam ter.*

Arquivo



**Dilema de Salim: os autores que estão na fila de espera não podem ser precedidos**

# Editoras de Universidades vão formar associação

**D**IREÇÕES de editoras universitárias do Sul/Sudoeste estarão reunidas na Universidade Federal de Santa Catarina nos dias 19 e 20 de março. Objetivo: estimular a editoração do trabalho intelectual das instituições de ensino superior. Outro encontro, com a mesma proposta, acontecerá nos dias 26 e 27 de março na Universidade Federal da Bahia, em Salvador, reunindo as editoras universitárias do Centro-Oeste/Norte/Nordeste. Após estes dois seminários regionais, haverá um balanço geral em Brasília que, segundo Salim Miguel, diretor da editora da UFSC, culminará com a criação da Associação das Editoras Universitárias.

O encontro que pretende estimular a produção, publicação e divulgação do trabalho intelectual dos docentes, vai ainda fortalecer o interesse da comunidade acadêmica pela qualidade de UDESC FAED IDCH ACERVO EGLE MALHEIROS & SALIM MIGUEL. Já diminuir a utilização indis-

criminada da reprografia, a famosa cópia xerox que os estudantes fazem até de livros inteiros. Outros interesses: enriquecer a bibliografia básica para os cursos de graduação; divulgar de forma ampla a produção dos docentes; trocar idéias sobre soluções técnicas para editar, divulgar e distribuir livros entre as instituições universitárias; e aperfeiçoar o padrão editorial das publicações.

## ELETRÔNICA

Salim ressalta que o contato e conhecimento do trabalho de outras editoras irá evitar um problema ocorrido com uma publicação no ano passado. O livro *Eletrônica de Potências* foi editado simultaneamente pelas universidades de Campinas, em São Paulo e pela de Florianópolis. Isto poderia ser evitado com uma co-edição. Conforme Salim, as editoras deverão fazer um projeto global dos títulos que pretende publicar. O que também será evitado que autores en-

trem em contato direto com o MEC, em Brasília, para publicarem suas obras. A própria intenção do MEC é que o trabalho editorial seja feito via editoras universitárias com os livros passando pelos respectivos Conselhos Editoriais.

Cada instituição universitária participará com um representante, mais o grupo de trabalho do Proed — Projeto de Estímulo à Editoração do Trabalho Intelectual das Instituições de Ensino Superior, criada em 1981 pela Secretaria de Educação Superior do MEC. Virão para o encontro, o subsecretário de desenvolvimento do ensino superior, Luis Otávio Moraes de Souza Carmo; o coordenador do Proed, Antônio Barbosa; a professora Maria do Carmo, da PUC/SP, da comissão que organiza a criação da Associação das Editoras Universitárias e Airtton Sampaio, da Universidade Federal da Bahia que coordena a distribuição de livros entre as editoras.

*Hoje é o último dia para visitar a feira que oferece desconto de 20% para a compra de qualquer título*

**Tayana Cardoso**

**M**UITA visitação e poucas vendas. O resultado da II Feira do Livro de Florianópolis, que está hoje no décimo e último dia, foi ditado pelo fracasso da política econômica governamental. Mesmo com a circulação de aproximadamente 50 mil pessoas no Largo da Catedral, onde ficaram expostos desde o dia 30 de outubro cerca de 100 mil obras, a comercialização de livros não deve ultrapassar 15 mil exemplares. No ano passado, quando 60 mil pessoas estiveram na I Feira, a venda chegou a 20 mil exemplares. O número de leitores não diminuiu, mas o preço das publicações quadruplicou e o desconto de 20% oferecido, não foi incentivo suficiente para manter a alta das vendas.

Mais importante que o lucro ou prejuízo da II Feira do Livro é a consolidação de um evento cultural de grande porte em Santa Catarina. É com esse pensamento que Luiz Lunardelli, presidente da ACEL (Associação Catarinense de Editores e Livreiros — responsável pela promoção), está planejando a Feira para o próximo ano. Uma das futuras modificações deve ser a data de abertura para depois do feriado de finados. Neste ano, o bom tempo não ajudou a Feira, pelo contrário, esvaziou o Largo da Catedral e encheu as praias. Mas Luiz não considera esses fatores muito importantes. "Não se pode implantar um evento em apenas dois anos. A Feira do Livro de Porto Alegre, realizada há 33 anos, levou 10 anos para ser assimilada pela população e por isso é impossível compará-la com a de Florianópolis. Quando chegarmos nesse período, acredito que teremos o mesmo sucesso e respaldo", afirma.

São os autores catarinenses que tiveram maior lucro com a Feira. Nesses 10 dias, foram realizados 31 lançamentos de escritores do estado, desde literatura até livros técnicos. A Editora da Universidade Federal de Santa Catarina apresentou 10 publicações e lançou sua nova coleção, a *Ipsis Litteris*, com obras na área de criação literária. Os autores dos três primeiros livros da coleção são Miriam Portela — *O Continente Possuído*; Renato Tapado — *Poemas para quem caminha*; e Hugo Mund Júnior — *Grifos & Emblemas*.

Lourival Bento



Apesar de o UDESC FAED-IDCH ter um ACERVO EGLÉ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

## ESPAÇO

O diretor da Editora da UFSC, Salim Miguel, acredita que a Feira do Livro de Florianópolis tende a se firmar no calendário da capital nos próximos anos. "O evento significa uma abertura de espaço para editores, livreiros, escritores e também para os leitores, que têm oportunidade de obter os últimos lançamentos com desconto, além da disponibilidade de várias publicações num único local". Salim lamenta o costume brasileiro de dar mais valor aos autores de fora. "Em Santa Catarina ocorre a mesma coisa, as pessoas preferem livros estrangeiros ou de outros estados. Esse é um processo cultural que só o tempo irá reverter, porque é inquestionável que já possuímos escritores locais tão significativos quanto os de fora", constata o editor.

Mais de três coleções estão previstas pela editora da UFSC. Uma sobre textos de divulgação, a exemplo da coleção *Primeiros Passos* e outras sobre tradução de textos clássicos ainda inéditos no Brasil. A terceira coleção, que provavelmente será lançada no próximo mês, será uma co-edição com o Instituto Nacional do Livro. É a *Coleção Resgate*, que irá publicar livros já esgotados de escritores catarinenses do passado. O primeiro deles será *Ah Massambu*, de Duarte Schüttel, recuperado por Zaihde Mussart, Iaponan Soares e Carlos Appel. A editora também pretende, em 1988, ampliar sua publicação anual de 40 para 60 títulos.

A proprietária da livraria Cuca Fresca, Marta Martins da Silva, também não se preocupou com a pouca venda durante a Feira. "Os leitores habituais estiveram presentes, independentes do sol ou do preço", sentença. Para ela, o importante é marcar nome da livraria e a qualidade de seu trabalho. Mas nem todos estavam satisfeitos durante o evento. O escritor Vino de Quadros, que na segunda-feira autografou o livro de poesias *Dor*, não se conformou em expor suas publicações somente na barraca da Fundação Catarinense de Cultura, onde também estavam outras obras independentes. "Eu mesmo vendo meus livros, mas não tenho uma barraca padronizada como as outras da Feira", comentou. Na última quinta-feira ele decidiu mostrar seu repúdio à padronização e colocou seus livros à mostra próximo ao *Paço de Letras*.

## ROUBO

Nem só os leitores se sentiram atraídos pela I Feira do Livro. Na quarta-feira alguns visitantes arrombaram a caminhonete da editora Paulinas levando pastas com mostruários de livros. José Antônio Silva, da editora, reclamou da falta de policiamento no local. "Estávamos estacionados próximo à Feira e não houve vigilância policial. Pedimos para devolverem os mostruários, que só têm utilidade para a editora". As queixas dos participantes da Feira também atingem os governos estadual e municipal. Luiz Lunardelli pede uma participação maior das autoridades. "As instituições públicas podem auxiliar muito na organização do evento e espero que no próximo ano contemos com uma ajuda mais efetiva. Os interessados em participar no próximo ano também podem iniciar conta-

Atendimento com a ACEL conclui.

## DEONÍSIO DA SILVA



**A** EDITORA da Universidade Federal de Santa Catarina, dirigida pelo escritor Salim Miguel, é um bom exemplo de que o impasse fatal entre empresa privada e pública nem sempre tem as cores que os adversários da empresa do Estado na economia ou na cultura querem impingir-nos. É verdade que há numerosas estatais cuja existência é inútil. Uma das que foram extintas recentemente gastava 80% de seu orçamento com salários. Supõe-se que os 20% restantes eram empregados em pagamento de xerox, telefone, correio, etc. Ou por outra: sua função era garantir o emprego dos que lá estavam.

O peso de certas instituições anacrônicas não deixa de oprimir e atrapalhar os homens que as dirigem. Mas com um mínimo de vontade política é certo que indivíduos de reconhecidos méritos acabam por alterar as instituições que herdaram tortas, imprimindo-lhes a indispensável retificação. Esse é o caso da editora da UFSC. Num universo de 1700 editoras brasileiras, a da UFSC em alguns anos já estava entre as 40 maiores. No ano passado, sabidamente de vacas magras para o mercado editorial, Salim Miguel coordenou o lançamento de 53 títulos. Descontando-se os 16 títulos da série didática, a parte mais frágil do catálogo, a editora prosseguiu com a publicação de 6 revistas importantes. (Seis! Quantas são as universidades que não têm nenhuma!) São elas: **Ilha do Desterro**, **Geosul**, **Biomas**, **Sequencia**, **Perspectiva** e **Travessia**, esta última especificamente dedicada a ensaios literários.

Porém as maiores atrações para o leitor estão na chamada série geral. Ali podem ser encontradas edições especialíssimas de livros como **Macunaíma**, de Mário de Andrade, e **A paixão segundo G.H.**, de Clarice Lispector, integrantes da **Coleção Archives**, que reuniu um *pool* de editoras internacionais para lançamento de importantes obras da

literatura deste nosso 3º mundo, sendo que a escolha de editora brasileira para o projeto recaiu sobre a editora da UFSC. Sobre tudo esses dois livros não podem de jeito nenhum ser esquecidos. São edições primorosas. A letra torta e trêmula de Clarice Lispector, constante dos manuscritos ali postos em *fac-símile*; observações curiosas sobre as manias de um e de outro para escrever e uma série de outros registros compõem publicações indispensáveis.

Dividida em três estantes (*Ipsis Litteris*, Paideuma e Cultura Popular), é nessa parte do catálogo da editora da UFSC que encontramos ficcionistas como os catarinenses Emanuel Medeiros Vieira, Ricardo Hoffmann e Guido Wilmar Sassi, este com um livro imperdível: **Os sete mistérios da casa queimada**. Guido Wilmar Sassi é autor, também - refrescando a memória dos leitores - de **A geração do deserto**, que no cinema chamou-se **A Guerra dos Pelados**, longa-metragem dirigido por Sílvio Back.

E agora, quentinho do forno do Salim, acaba de sair aquele que reputo um dos nossos grandes ficcionistas neste 3º mundo tão pouco lido: o uruguaio Horacio Quiroga. São os **Contos da selva**, em edição bilingue, com tradução de Tania Piacentini. Essa professora já defendeu tese sobre literatura brasileira contemporânea e sabe entender o destino trágico de Horacio Quiroga, cujo pai morreu de tiro acidental, o padrasto suicidou-se. Mais tarde Quiroga mata um homem e vai viver escondido na mata; sua mulher se suicida, os dois filhos e ele também suicidam-se. Mas os **Contos da selva** ficaram para sempre, pois como já nos lembrou um personagem da literatura brasileira, "efêmero é o homem, o que perdura é a escritura".

**S**alim Miguel foi diretor da Editora da UFSC de 1983 a maio de 1991. Atualmente dirige a Fundação Franklin Cascaes, onde pretende criar uma política cultural “conseqüente e permanente”, como diz, para o município. Sua obra publicada inclui nove romances, dois livros de crítica literária, um depoimento histórico sobre 1964 e por volta de 20 antologias.

**Repórter** - Que transformações a Editora da UFSC passou nos oito anos em que o senhor foi diretor ?

**Salim Miguel** - Nós começamos de uma maneira precaríssima, trabalhando em uma sala plenamente insatisfatória, de baixo da Biblioteca Central, onde ficamos por um ano e meio ou dois. Conseguimos então um espaço que hoje está ocupado pela FAPEU, também insatisfatório. O primeiro projeto foi traçar um plano de edições em todas as áreas. A Série Didática que já tinha uns três ou quatro títulos foi ampliada, criou-se várias outras séries, como a Série Geral, mais adiante a Ispis Litteris, que foi uma sugestão do próprio Alcides – que na época era do Conselho Editorial – e criamos um sistema de edição com apoio da Fundação Brasil de Literatura, também reequipou a gráfica da UFSC.

## Salim Miguel esteve oito anos na EdUFSC



Reprodução Agecom

Ex-diretor.

**R** - Quais foram as conquistas mais significativas ?

**SM** - Procurou-se nesse meio tempo duas coisas: um sistema de distribuição em nível nacional, não um distribuidor único, mas vários distribuidores atendendo a várias regiões do Bra-

sil; e fazer com que a Editora se tornasse mais conhecida não só na comunidade universitária, mas no geral. Nesse período foi criada a Associação Brasileira de Editoras Universitárias, nós tivemos uma participação grande na criação, fizemos vários seminários para onde levávamos os livros das editoras para venda. Durante seis dos oito anos que eu estive lá, se publicava em São Paulo num jornal, que depois passou a ser revista, chamado “Leia”. Ele fazia todo ano uma pesquisa sobre desempenho de editoras brasileiras, na época eram cerca de 700 no Brasil. Teve um ano que a EdUFSC ficou em quadragésimo quinto lugar entre as cem de melhor desempenho. De editoras universitárias só estavam presentes nessas cem, além da nossa, a da USP e da UNICAMP.

**R** - O que o senhor faz que mais lhe gratifica ?

**SM** - O que mais me motiva hoje é a literatura. Pegar um tema, ou através de um sonho ou imagem, de uma frase entre-ouvida, e dali partir para um texto que, ao iniciá-lo, eu mesmo não sei onde é que vai terminar. Muitas vezes um personagem meu que, ao começar, eu penso que vai ter uma importância secundaríssima, acaba tomando as rédeas e tendo uma preponderância que eu mesmo não esperava que ele viesse a ter. O que mais me satisfaz como escritor hoje é a criação da obra literária.

# Editora da UFSC ganha a Medalha Peregrino Júnior

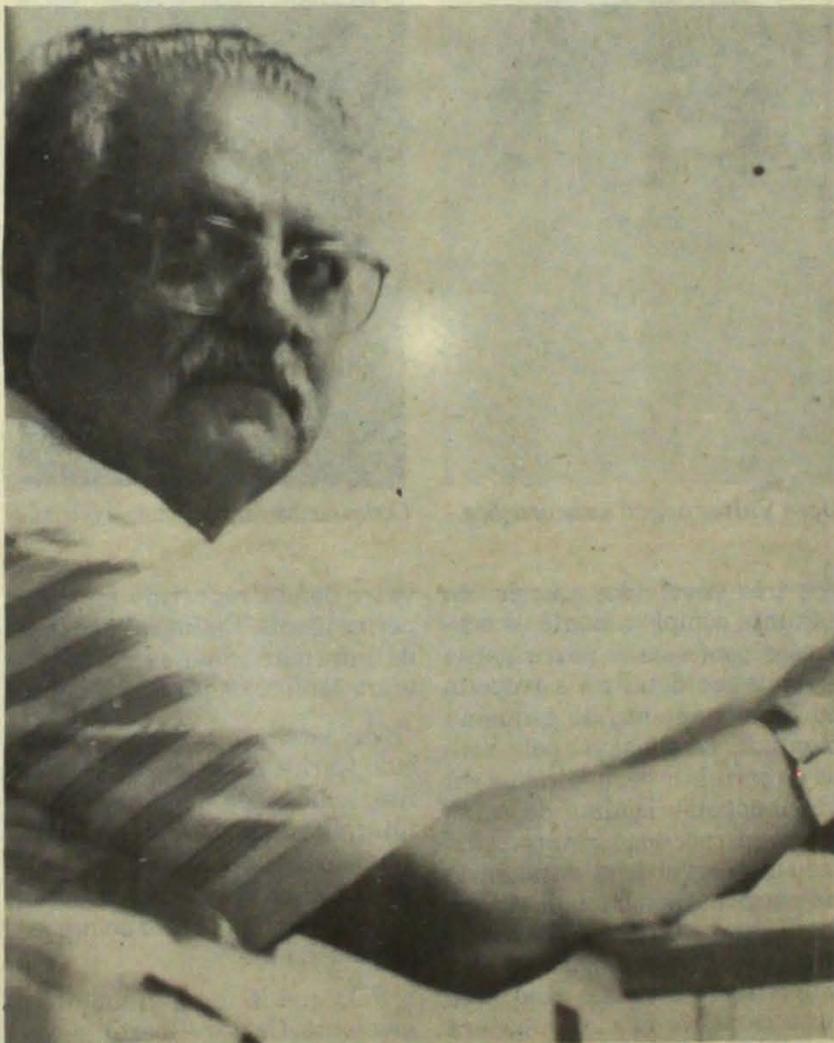
*União dos Escritores vai destacar a UFSC em ato que acontecerá no dia 7*

A Universidade Federal de Santa Catarina receberá, no próximo dia 7, a Medalha Peregrino Júnior que lhe foi atribuída pela União Brasileira de Escritores pelo trabalho desenvolvido na Editora Universitária, considerada uma das mais produtivas do país. Na mesma solenidade, o diretor da editora, Salim Miguel, receberá o diploma de Personalidade Cultural.

Além de Miguel, a UBE premiou também a Afredina Paiva e Souza, da TV-Educativa, o escritor Benedito Ruy Barbosa, o jornalista Boris Casoy, Marina Martins, diretora da Campanha de Alfabetização, o diploma Nabil Nasser, o escritor Marcos Almir Madeira, presidente do Pen Clube do Brasil, o professor e editor Vingt-un Rosado, o ator Walmor Chagas e o artista plástico Ziraldo Alves Pinto.

O livro "O Tambor", do escritor catarinense nascido em Curitiba Herculano Farias, foi um dos três que receberam menção especial da UBE este ano. Os outros dois foram "Três Contos de Reis", do carioca Octávio Oscar Bernardes, e "O Rio das Pedras", de Rosângela Vieira Rocha, de Brasília.

Receberão diplomas de Mérito



*O diretor da editora, Salim Miguel, também será destacado pela UBE*

Cultural, o cineasta Domingos de Oliveira, o regente Danilo Tomio, a editora do jornal "Verve", Claudia Resque, o jornalista, o escritor Artur da Távola, o artista

gráfico Daniel Nascimento, o diretor de TV Jayme Monjardim e o editor do suplemento do Brasil, José Castello.

## Destaque

A Editora da UFSC completa hoje sua primeira década de funcionamento. Primeiro lugar em desempenho entre as editoras universitárias,



**Salim Miguel**

já publicou 350 títulos. No ano passado bateu seu próprio recorde: 53 títulos. Este ano, apesar das dificuldades, fecha com 40 títulos. A produção da editora proporcionou ao seu diretor, Salim Miguel, o título de Destaque

Cultural, concedido pela União Brasileira de Escritores.

## Deixando a UFSC



O jornalista e escritor Salim Miguel requereu sua aposentadoria e deverá deixar a direção da Editora da UFSC. Em seis anos, o autor de 11 livros, entre os quais *A Velhice e outros Contos*, *Voz Submersa*, *A Morte do Tenente* e *Outras Mortes*, transformou a Editora da UFSC numa das poucas estatais do ramo que passou a dar lucro, a ponto de ajudar a reequilibrar a grá-tula da Universidade.

## UFSC atrai editoras de toda América Latina

Em agosto de 1990, a Editora da UFSC conseguiu atrair para Florianópolis o Seminário Internacional de Editoras. Salim Miguel recorda que tudo foi definido quando da sua viagem ao México em 89, para participar da Feira Internacional do Livro promovida pela Universidade de Guadalajara. Durante um encontro de Editores de Universidades da América Latina, concluiu-se que era importante um trabalho conjunto, no



Jones J. Bastos

Salim Miguel

sentido de "nos conhecermos um pouco melhor", recorda. Para realizar este trabalho era importante a colaboração da EULAC, uma Associação de Editoras Universitárias da América Latina e do Caribe, da qual

a Editora da UFSC era associada. A partir deste encontro surgiu a possibilidade do Seminário realizar-se aqui.

Nomes de destaque, representantes de Editoras brasileiras e de vários países latinos (Equador, México, El Salvador, etc., além do vice-presidente da EULAC, Mário Castillo, da Costa Rica, quase todas as universidades brasileiras estiveram presentes.

Para a UFSC, os resultados foram muito bons. Vinte mil títulos novos foram doados durante o Seminário para ampliar o acervo da Biblioteca Central, e ampliou-se a oportunidade de co-edições.

Definiu-se, a partir deste encontro, um esquema de co-edições entre editoras de um mesmo país e editoras de países diferentes e a produção de títulos que pudessem interessar a determinação público universitário.



es Tavares

A um passo da inauguração



Foto: Paulo Dutra/Divulgação/JSC

No lançamento do livro de Iaponan Soares, Renato Meirelles (Casa da Manchete), esta colunista, Paulo Bauer (secretário da Educação) e Roberto Gaida (diretor comercial Rede Manchete)



Foto: Paulo Dutra

Claúdio, Valmor e Wanderley (funcionários da gráfica UFSC) com Zuleika Lenzi, Moacir Loth, Paulo Clóvis, Salim Miguel e Alcides Buss (leia-se editora da UFSC)

Luiza Gutierrez

## Lançamento

A editora da Universidade Federal de Santa Catarina e a Fundação Catarinense de Cultura lançam hoje o livro "O Centro Histórico de Florianópolis — Espaço Público do Ritual", de Nelson Popini Vaz, às 20 horas no prédio da Fundação, em Florianópolis.

Neuza M. Hoenke

## UFSC (I)

A Universidade Federal parece que finalmente vai sair do marasmo, não bastasse o ambiente eleitoral que a universidade vive com seis candidatos que disputam a reitoria, a UFSC agora é sacudida por um furacão no campo de idéias.

Com o nome de Parlamento Estudantil, uma idealização do especialista em Marketing Político, Charles Machado, vem tomando conta nas discussões do Campus Universitário.

Sem dúvida, essa idéia ainda vai dar é muito pano pra manga.

## UFSC (II)

A idéia do Parlamento Estudantil tem crescido muito, e as justificativas para o crescimento da mesma são muitas, mas como diz um comercial de TV numa coisa todos concordam, é uma boa idéia.

Por trás dessa boa idéia tem é claro alguém que entende do assunto, afinal, Charles Machado apesar da pouca idade, tem um currículo invejável, basta recordar que na última eleição para o governo do Estado em que ele era coordenador de Marketing de uma das candidaturas e que em pouco mais de quinze dias fez com que um desconhecido candidato pulasse de 1% (hum por cento) nas pesquisas para 7%.

Esse garoto vai é longe!

Luiza Gutierrez

# Editora da UFSC completa 10 anos com 350 títulos

■ *Data é marcada com bom desempenho obtido entre 100 empresas do País*

**Florianópolis** — A Editora da Universidade Federal de Santa Catarina completou ontem 10 anos com a marca de 350 títulos publicados e classificada entre as cem melhores editoras do País, quanto ao desempenho, segundo informações da Revista Leia, de São Paulo. No ano passado, entre estas cem, apenas três pertenciam a universidades e só uma era de uma instituição federal: a Editora da UFSC.

Durante quase todo este tempo, a editora esteve sob a direção do escritor Salim Miguel, que agora se aposenta. Em 1983, quando assumiu, trabalhava-se com duas linhas de publicação; a série Didática e a Geral. Hoje, além destas que foram ampliadas nas suas respectivas propostas, há o Caderno de Cultura, a Coleção "Ipsis Literarias" e são produzidos títulos nacionais e distribuídos os títulos internacionais da Coleção Arquivo, que é um projeto da Unesco. Há ainda a coleção Pai-deuma que constá da tradução de obras clássicas publicadas em edição bilíngüe. A editora é responsável também pela edição de dez revistas semestrais de várias áreas da universidade.

A pró-reitora de Cultura e Extensão, Maria de Lourdes de Souza, é também a presidente do Conselho Editorial e fala com entusiasmo da sua gestão à frente da editora, vislumbrando um futuro muito melhor, acreditando que será possível garantir mais qualidade para os livros que a edi-

O. NOCETTI



*Salim sai com saldo positivo*

tora publica e mais espaço no mercado livreiro.

Para o reitor Bruno Schlemper Júnior, presidente da União das Universidades da América Latina (Udual) a editora é uma "ferramenta essencial" de disseminação e divulgação dos conhecimentos, das idéias, da produção acadêmica, científica e tecnológica, ocupando posição prioritária na atual gestão. A preocupação com a melhoria das condições de funcionamento fica evidente com a construção do novo prédio. Serão 826 metros quadrados para a editora, que terá um depósito de livros, uma sala para exposição e venda, uma para xerox, além de administração, produção, sala do conselho e para os computadores, já que a partir deste 10º aniversário a editora será informatizada também.

# Santa Catarina lidera o mercado de editoras

FLORIANÓPOLIS — Com mais de 350 títulos lançados — metade já esgotada ou até em terceira edição —, a editora da Universidade Federal de Santa Catarina completou 10 anos na condição de líder do *ranking* das editoras de instituições federais e terceira locada no geral, atrás apenas da USP e da Unicamp. “Entre janeiro e abril deste ano lançamos 15 títulos, quase o dobro da USP”, revela o escritor Salim Miguel, 67 anos, diretor executivo da editora há oito anos. Apesar de criada para aproveitar a produção científica e literária da comunidade universitária, a editora é um sucesso comercial, a ponto de figurar entre as 46 melhores do país.

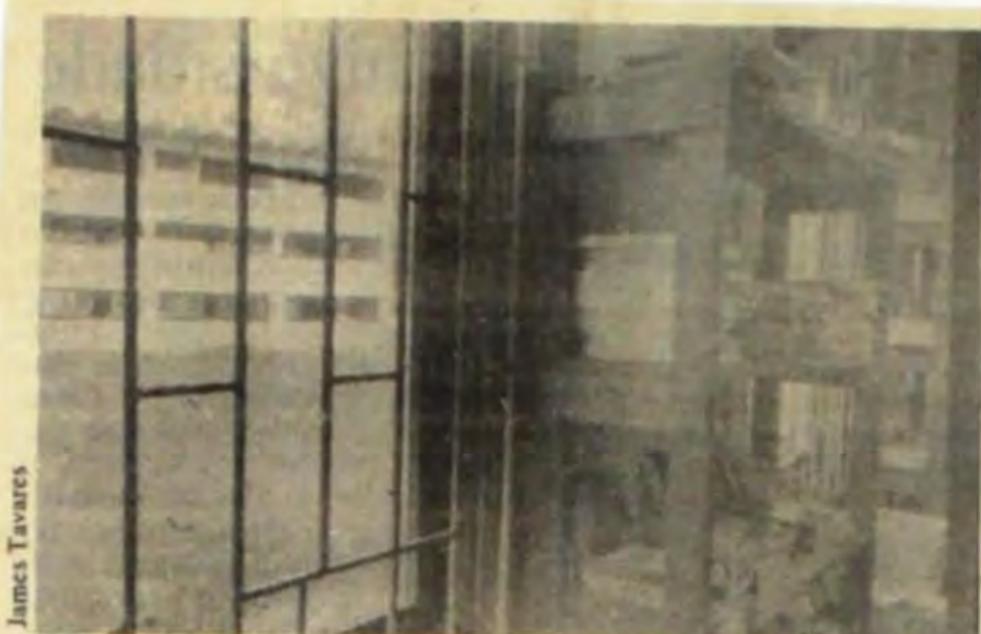
“Nossa estratégia inclui um bom critério de seleção, bom sistema de comercialização e muito trabalho de *marketing*”, explica Salim Miguel, que foi crítico literário do **JORNAL DO BRASIL** entre 1976 e 1983. Um dos méritos da editora é o de garantir a publicação de obras cujo retorno do capital aplicado é lento demais para interessar a editoras comerciais. Foi o caso do livro *Peixes do estado de Santa Catarina*, de M.P. Godoy, que tentou em vão, por 10 anos, a publicação junto a editoras do eixo Rio-São Paulo. “Além disso, tentamos investir na descoberta de novos valores e estimulamos a publicação de teses, em todas as áreas do saber”, lembra Salim. Ele cita também o romancista Guido Sassi, que depois de desistir da profissão de escritor obteve o apoio da editora e já publicou dois livros.

**Prêmios** — Alguns sucessos editoriais da editora da Universidade já entram na terceira edição, caso do *Iniciação ao vinho*, de Orlando Schroeder, prefaciado pelo filólogo Antônio Houaiss, ou o histórico *Ilha de Santa Catarina*, relato de viajantes estrangeiros dos séculos 18 e 19, organizado por Martinho de Haro. Entre os técnicos, o *Cálculo A*, de Miriam Buss Gonçalves e Diva Marília Flemming, emplacou a quarta edi-

ção. “Conseguimos um pequeno superávit em 90, num trabalho que envolve apenas sete funcionários”, observa o diretor executivo. Na Bienal Internacional do Livro, em São Paulo, no ano passado, suas publicações foram as que mais venderam entre as universitárias.

O desempenho rendeu prêmios e credibilidade internacional à editora. A Unesco, ao escolher a editora para lançar o projeto *Coleção arquivos*, com a publicação de títulos brasileiros e hispano-americanos de clássicos latino-americanos do século 20, optou pela catarinense. “Já lançamos dois brasileiros e 10 hispano-americanos”, relata Salim Miguel. Os livros brasileiros foram *Macunaima*, de Mário de Andrade, e *A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector. No ano passado, a União Brasileira de Escritores (UBE) concedeu a medalha Peregrino Júnior a Salim Miguel, por sua atuação como escritor (tem 11 títulos publicados) e pelo desempenho da editora. Ele recebeu outra medalha da UBE, como personalidade cultural. Salim espera tirar vantagem desse reconhecimento e tenta junto à Universidade de Washington (EUA) a liberação dos direitos autorais para lançar no Brasil os livros *Os desafios da comunicação*, de John Hulteng, e o *Guia para a editoração de livros*, de Datus Smith.

Comercialmente, a editora consegue publicar livros com média de 250 páginas e tiragem de 2 mil exemplares, a Cr\$ 700 mil, metade do preço de mercado. “Além da facilidade do preço subsidiado, o autor ainda terá livros distribuídos por livrarias convencionais e postos das universidades de todo país, fora os pedidos do reembolso postal”, argumenta Salim Miguel, que costuma lembrar o investimento aplicado em oito meses de vendagem. “Chegar nesse estágio é um grande feito, pois vivemos num país de analfabetos, com crises econômicas permanentes e de pouquíssimo hábito de leitura”, conclui ele.



James Tavares

O novo e o velho

## Editora: Dez anos muito bem comemorados

A Editora da Universidade Federal de Santa Catarina completou dez anos este mês com marca de 350 títulos publicados e classificada entre as cem melhores editoras do país, quanto ao desempenho, segundo informações da Revista *Leia*, de São Paulo. No ano passado, entre estas cem, apenas três pertenciam à Universidades e só uma era de uma instituição federal: a Editora da UFSC.

Durante quase todo este tempo, a Editora esteve sob a direção do escritor Salim Miguel, que agora se aposenta. Em 1983, quando assumiu, trabalhava-se com duas linhas de publicação; a série Didática e a Geral. Hoje, além destas, que foram ampliadas nas suas respectivas propostas, há o Caderno de Cultura, a coleção "Ipsis Literiosus", e são produzidos títulos nacionais e distribuídos os títulos internacionais da Coleção Arquivo, que é um projeto da UNESCO. Há ainda a coleção Paideuma que consta da tradução de obras clássicas rubricadas em edição bilíngüe. A Editora é responsável também pela edição de dez revistas semestrais de várias áreas da universidade.

A pró-reitora de Cultura e Extensão, Maria de Lourdes de Souza, é também a presidente do Conselho Editorial e fala com entusiasmo da sua gestão à frente da Editora, vislumbrando um futuro muito melhor, acreditando que será possível garantir mais qualidade para os livros que a Editora publica e mais espaço no mercado livreiro.

Para o reitor, Bruno Schlemper Júnior, presidente da União das Universidades da América Latina (UDUAL) a Editora é uma "ferramenta essencial" de disseminação e divulgação dos conhecimentos, das idéias, da produção acadê-

mica, científica e tecnológica, ocupando posição prioritária na atual gestão. A preocupação com a melhoria das condições de funcionamento fica evidente com a construção do novo prédio". Serão 826 metros quadrados para a Editora, que terá um depósito de livros, uma sala para exposição e venda, uma para xerox, além de administração, produção, Sala do Conselho e para os computadores, já que a partir deste 10 aniversário a Editora será também informatizada.

A política da Editora é traçada por um Conselho Editorial, atualmente integrado pelos professores Carlos Humberto Pederneiras Corrêa, Phillippe Humblé, João Benjamin da Cruz Júnior, Marcos Caroli Rezend, Nilcea Lemos Pelandre e Ghiles Alexandre Rae. Sob a presidência da pró-reitora Maria de Lourdes de Souza. Eles tem em média quatro manuscritos novos por mês para analisar e dar parecer sobre sua publicação ou não. Deste total 47% é proveniente da própria comunidade universitária. Como o atual Conselho tem se empenhado em melhorar o nível qualitativo dos livros publicados, rejeita-se 50% dos manuscritos recebidos.

E na Gráfica da Universidade (Imprensa Universitária) que os livros da Editora são impressos, e hoje ela está habilitada a produzir livros iguais aos que se fazem em qualquer parte do país, garante Salim Miguel, considerando-se a média da sua produção Normalmente são editados 1.000 a 1.500 exemplares de cada edição. Os equipamentos existentes na Imprensa Universitária, foram, na sua maioria, doados pela Fundação Banco do Brasil, graças ao bom conceito editorial que a UFSC tem.

Só nos primeiros meses de 91 foram editados 14 títulos, mas a meta para este ano é de 40. O trabalho tem se voltado para o resgate de documentos antigos e a descoberta de novos valores em todas as áreas do saber, recebendo e editando manuscritos de qualquer pessoa da comunidade.

# Mudanças na Editora da UFSC

**Florianópolis** — O escritor Salim Miguel está deixando a direção executiva da Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), depois de oito anos à frente da terceira editora universitária mais atuante do país. Até o final do mês de maio, ele cede seu lugar a um substituto ainda não definido e passa a se dedicar à literatura e ao jornalismo. “Estou me aposentando porque acredito em renovação”, diz. Esta é a razão oficial de seu afastamento. A razão não-oficial o autor de “A Voz Submersa” prefere manter em segredo.

“Sangue novo sempre é muito bom”, continua Salim Miguel, justificando a sua inesperada saída. Nesse momento, ele prefere exaltar as qualidades da “pequena equipe da editora” e elogiar os colegas da gráfica universitária, que juntos realizaram “um trabalho bastante positivo”, na sua opinião. Nos dez anos de existência da EdUFSC — completados, coincidentemente, neste mês —, foram publicados mais de 350 títulos, metade dos quais já esgotados. “E alguns deles estão em segunda, terceira ou quarta edição”, observa Salim Miguel.

“Claro que não foi feito tudo que era possível. Eu costumo repetir que não me queixo do que fiz, me queixo pelo que não fiz”, pondera. Mesmo assim, ele deixa a casa notoriamente satisfeito. Uma respeitável revista literária, a Leia, colocou a EdUFSC em terceiro lugar na ranking das editoras universitárias nacionais, “há seis anos”, e entre as 100 mais importantes no Brasil. Além disso, nos cinco pri-

meiros meses de 1991 a editora publicou 15 títulos, ultrapassando a própria EdUSP. Salim Miguel deixa a editora no momento em que mais três títulos estão em preparação. Um deles é o ensaio “O Mundo Mágico de Jorge Luis Borges”, assinado pelo professor Mauro Pommer, do curso de Jornalismo. O outro, que está sendo revisado, é o ensaio de Telma Piacentini sobre “O Morro da Caixa D’Água”.

E o terceiro, em fase de composição é “Marketing em bibliote-

cas universitárias”, de Aurélia Silveira.

Segundo o escritor, três linhas básicas nortearam sua administração na EdUFSC: o resgate da memória e da produção da universidade e também da comunidade; a edição de textos de custos alto e retorno lento; e o apoio e incentivo aos novos valores em todas as áreas. “Acho que esses princípios são básicos para uma editora de universidade, que é um projeto cultural e não comercial”, conclui Salim Miguel.

PAULA MARCILLI



UFSC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL  
Salim Miguel volta a se dedicar à literatura e ao jornalismo

# Novo diretor da editora da UFSC será Alcides Buss

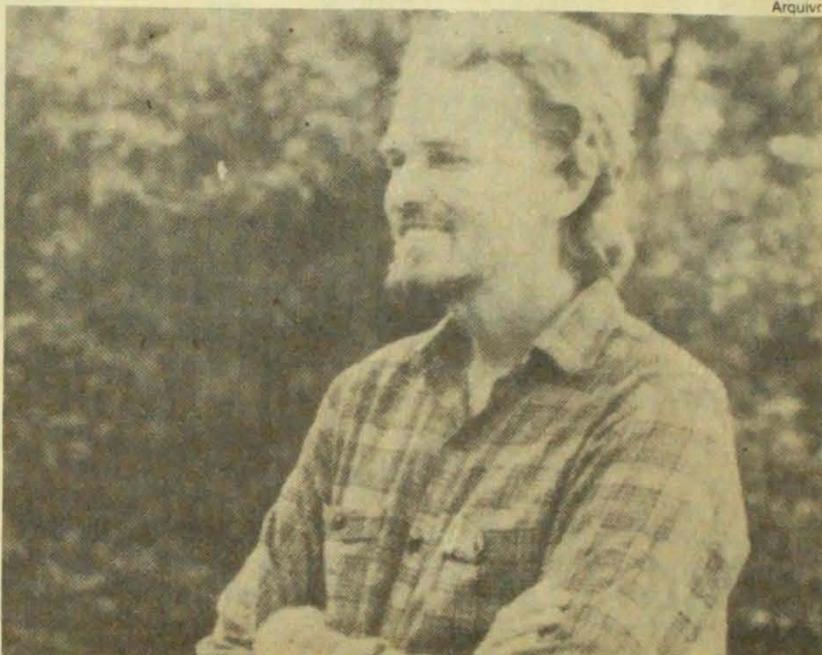
*O poeta e professor assume hoje a direção, no lugar do escritor Salim Miguel*

O escritor Salim Miguel, que esteve durante oito anos à frente da Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, deixa seu lugar hoje para fazer o que mais gosta — aposentado, Salim vai voltar a dedicar seu tempo à crítica literária nos jornais e a escrever. Na direção da editora entra o poeta Alcides Buss, que assume o cargo hoje às 11 horas.

Alcides é professor da UFSC, e aos 40 anos já tem bastante tarimba para continuar o trabalho de Salim — 20 anos dedicado à poesia e mais uma dezena de livros publicados.

A Editora da UFSC está subordinada à Reitoria da universidade e a indicação de Alcides para o cargo partiu da pró-reitora Maria de Lourdes de Souza.

Como escritor, Alcides sempre manteve bons contatos com livreiros, editores, escritores e jornalistas e a escolha agradou os meios culturais dentro e fora da UFSC. Amigo de Salim Miguel, o que facilita a transição, Alcides foi durante quatro anos membro do Conselho Editorial da UFSC e conhece bem o órgão que vai assumir e a estrutura da Imprensa Universitária. Recentemente o novo diretor da editora acompanhou passo a passo o trabalho com o livro "Cantando ação do Amor — 20 anos de poesia



*O poeta Alcides Buss já fez parte do Conselho Editorial da UFSC*

escolhida”.

Alcides Buss é professor do Departamento de Letras da UFSC, onde criou o Varal Literário. Hoje ele coordena uma Oficina de Criação Literária, que funciona como um verdadeiro laboratório para novos escritores. Reconhecido como poeta em todo o país, Alcides recebeu recentemente o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte. O escritor Salim Miguel, que deixa a Editora, foi crítico literário no Jornal do Brasil. Com seu trabalho na UFSC, a Editora projetou-se nacionalmente, transformando-se nos últimos cinco anos em uma das 100 editoras brasileiras de maior volume de vendas. Durante sua gestão, 350 livros foram edi-

tados, e no ano passado Salim e a Editora receberam o prêmio “Destaque” da Associação Brasileira de Editores.

Para Alcides Buss, “o desafio” é grande, mas o serviço é bom e eu gosto disso”. A pró-reitora Maria de Lourdes de Souza ressalta que o compromisso de uma editora universitária vai além de produzir livros e descobrir novos talentos: “temos que resgatar e difundir a cultura nas suas mais diferentes formas, inclusive o desenvolvimento científico e tecnológico. Nossa editora deve conquistar as condições para se constituir em laboratório de ensino e pesquisa, atuação, nas diversas áreas da UFSC”.



James Tavares

Na hora da despedida

## Não é a realidade

Ex-diretor da Editora da UFSC, Salim Miguel, encaminhou seguinte carta à direção do Diário Catarinense:

Florianópolis, 31 de maio de 1991.

A direção do **Diário Catarinense**

As informações veiculadas a meu respeito, no "Visor" (dias 29 e 30), não condizem com a realidade. A decisão sobre o espaço gráfico da UFSC, pela Editora não me compete, mesmo

que eu possa ter opinião divergente a respeito. E jamais usei a expressão "embargo", nem isso existiu. O que eu declarei é que, como todo editor, tenho minhas frustrações, entre elas o não ter conseguido interiorizar mais, em Santa Catarina, os livros da Editora da UFSC e não ter também viabilizado uma coleção de textos básicos, em diferentes áreas, que seriam solicitados a especialistas. Quando à aposentadoria, ela decorre do fato de desejar me dedicar mais a minha obra literária e de acreditar em renovação.

Antecipadamente grato pela publicação  
Salim Miguel

## Sai Salim. Entra Alcides

A emoção foi o ponto alto da transmissão do cargo de diretor-executivo da Editora da UFSC. A solenidade ocorreu dia 5 no Gabinete do Reitor. O poeta e professor Alcides Buss assumiu no lugar do escritor e jornalista Salim Miguel, que há oito anos vinha dirigindo o órgão.

Dicursaram o reitor Bruno Schlemper Júnior, a pró-reitora de Cultura e Extensão, Maria de Lourdes de Souza, o novo diretor e ex-diretor.

Maria de Lourdes sublinhou metas e objetivos da Editora, destacando feitos da direção da Editora e lançando novos desafios com vistas à modernização e informatização do órgão. A conclusão do novo prédio é outro ideal a ser perseguido.

O reitor da UFSC salientou as qualidades pessoais e profissionais de Salim Miguel e Alcides Buss. Falou

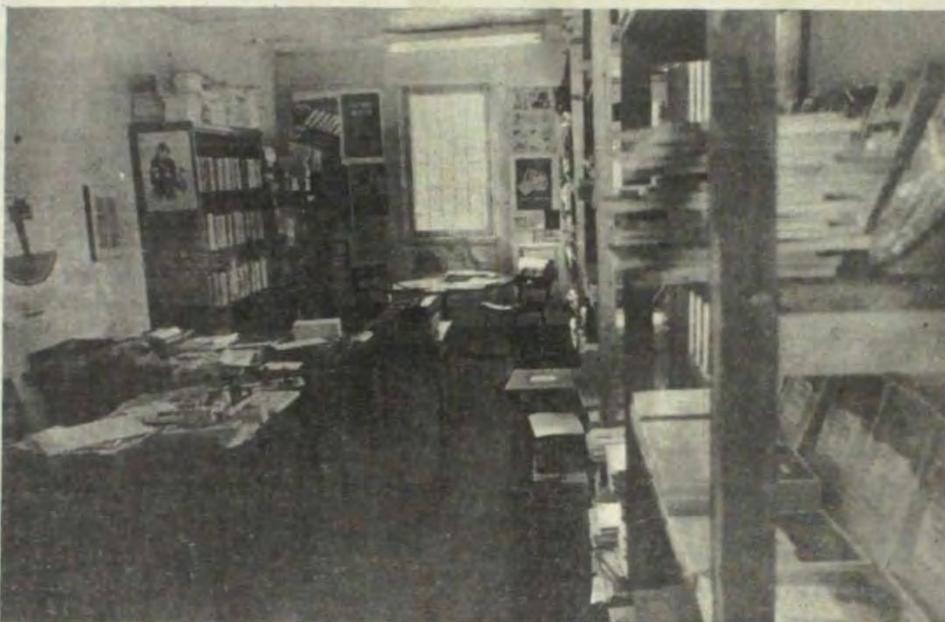
orgulhoso do desempenho da Editora, a primeira entre as editoras universitárias. Agradeceu apoio da Fundação Banco do Brasil.

Salim Miguel traçou breve perfil da Editora e manifestou agradecimentos pela dedicação da sua pequena equipe e dos funcionários da Imprensa Universitária. Também desejou as boas-vindas do novo diretor. "Acredito em renovação", observou.

Alcides recebeu durante a solenidade três números da Revista Teias. Em seguida discursou, afirmando ser o livro instrumento de resgate, preservação da memória e de promoção do homem. Reivindicou políticas adequadas para o setor editorial. Não poupou elogios a Salim Miguel: "Ele de dedicou de corpo e alma ao projeto da Editora".

Entre os seus planos, aperfeiçoar a distribuição e a apresentação estética dos livros. Quer manter, neste sentido, integração perfeita com a Imprensa Universitária, e contar com participação de toda comunidade.

# Um barco que não fica à deriva



James Tavares

“Navegar é preciso”, sobretudo quando o oceano é feito de pensamentos em forma de palavras traduzidas em alguma folha de papel. E faz dez anos que a Editora da Universidade Federal de Santa Catarina vem cumprindo a função de transatlântico que, viaja por mares revoltos, sem ficar à deriva. A carga nem sempre é leve: uma eclética bagagem cultural. Os ventos nem sempre são favoráveis: recessão econômica, muita estagnação e pouca dedicação por parte do governo à cultura.

Nestes dez anos foram 350 títulos publicados, um novo prédio que ficará pronto em outubro e um desempenho que está entre as cem melhores editoras do País, sendo que destas, apenas três pertencem a universidades e só uma é federal: ela própria.

Tudo começou em dezembro de 1980, quando uma Portaria do Reitor decidiu criar uma editora que tivesse por objetivo resgatar documentos antigos e descobrir novos valores em todas as áreas do saber, publicando textos de alto custo e retorno lento. Surge assim a Editora da UFSC, que só começa a funcionar efetivamente em maio de 1981, sendo dirigida até julho de 1983 pelo professor Nilo Linhares a partir daí, quem assume o comando da nau foi Salim Miguel, jornalista e escritor que consegue transformar a Editora numa das poucas estações do ramo que passa a dar lucro, a ponto de ajudar na reequipação da gráfica da Universidade (Veja quadro abaixo).

Em 1990, a União Brasileira de Escritores (UBE) concede à UFSC a medalha “Peregrino Júnior”, atribuída a pessoas ou entidades que tenham prestado serviços à literatura, em função dos trabalhos desenvolvidos pela Editora. Salim Miguel também recebe da mesma entidade o título “Personalidade Cultural”. Entretanto, após oito anos frente à Editora, ele requer sua aposentadoria alegando um retorno à sua obra literária e ao jornalismo cultural. “Sangue novo sempre é muito bom”, diz ao justificar a sua inesperada saída. O “sangue novo”, neste caso, não é tão novo assim nos seus 20 anos dedicados à profissão e à defesa da cultura.

Na época em que Salim assumiu, a Editora trabalhava com duas linhas de publicação: a Série Didática e a Geral. Hoje, além destas há o Caderno de Cultura, coleção “Ipsis Litteris” e são produzidos os títulos nacionais e distribuídos os títulos internacionais da Coleção Arquivo, que é um projeto da Unesco. Há, também, a Coleção Paideuma, que traduz obras clássicas publicadas em edição bilingüe, e revistas semestrais que abrangem várias áreas da Universidade.

# Há 25 anos fazendo livros e homens



Paulo Roberto da Silva  
Pró-Reitora de Cultura e Extensão, Eunice Nodari, preside o Conselho Editorial da EdUFSC, e não tem poupado esforços para o fortalecimento da política de publicações da universidade.

Por Moacir LOTH

**A** Editora da Universidade Federal de Santa Catarina foi criada em dezembro de 1980 como um projeto essencialmente cultural. Fiel a esta definição, e funcionando desde maio de 1981, não corre atrás de lucros. O único lucro que busca é a socialização do saber através da democratização do acesso ao livro e à leitura. Cada livro cumpre uma função social, que é a de promover a transformação da realidade. A Editora lança novos talentos sem deixar de publicar os escritores já conhecidos. Refletindo a produção científica, tecnológica e cultural da UFSC e da sociedade, edita títulos locais, regionais, nacionais e até internacionais.

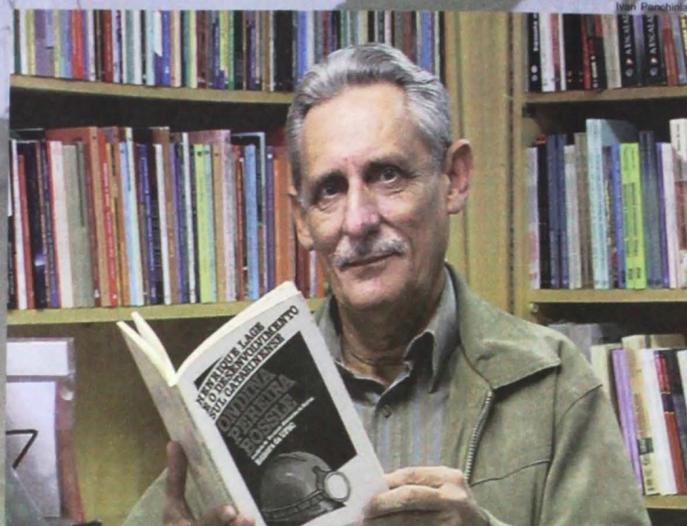
Abrangendo a Série Tra(duz)ir, Série

Geral, a Série Didática, a Série Enfermagem, A Série Ética, Política e Violência, a Coleção Tra(duz)ir, a Coleção Ipsis Litteris, a Coleção Paideuma, a Coleção Memória Literária de Santa Catarina e a Coleção Rebento, Série Nurição, Série Ética, Coleção Literatura em Zero e Um, Coleção RIEN, além de Cadernos de Cultura Popular e 12 revistas de diversas áreas, a Editora publica anualmente cerca de 50 obras, somando mais de mil títulos nos seus 25 anos de funcionamento. Mesmo não sendo um oásis entre as editoras públicas, a EdUFSC está conseguindo se manter no cenário estadual e nacional, divulgando principalmente a produção cultural e científica das UFSC. Aliás, uma editora é a melhor e mais inteligente estratégia para divulgar uma instituição. Felizmente a UFSC percebeu isso cedo. Hoje a EdUFSC está presente em todos os eventos importantes que dizem respeito ao autor, ao livro e à leitura. Seguindo

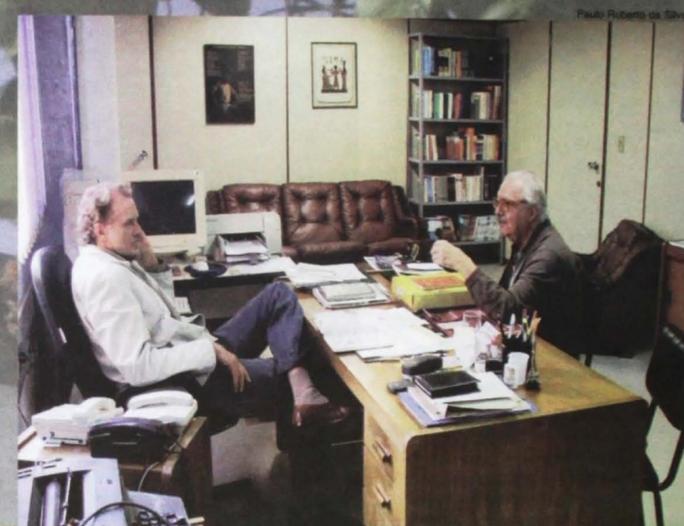
a orientação da Associação Brasileira de Editoras Universitárias (ABEU), está se aproximando, na busca de fortalecimento político, dos professores e das bibliotecas. Ao mesmo tempo em que participa da promoção da literatura, revelando novos autores e consolidando escritores já conhecidos, a EdUFSC vem ampliando a circulação e a divulgação alternativa e tradicional dos autores e títulos publicados. "Sendo 2006 um ano eleitoral, esperamos que este fato não impeça a evolução dos trabalhos e que tenhamos finalmente condições de fazer do Brasil um país de leitores, o velho sonho de Monteiro Lobato", torce o diretor da EdUFSC.

A EdUFSC, na plenitude da maturidade, tem logrado êxito apesar da crise editorial, que vem atingindo o setor público e a iniciativa privada.

Independentemente da influência da Internet, a EdUFSC continua acreditando no livro de papel e no papel da leitura!



Linhares exhibe o primeiro livro publicado pela EdUFSC em 1981



Ex-diretor Salim Miguel visita o atual diretor Alcides Buss: entrosamento e continuidade

## Da rampa para o mundo

A EdUFSC começou em 1981 sob a direção do professor João Nilo Linhares, chefe do Gabinete do ex-reitor Caspar Erich Stemmer. O reitor era Emami Bayer e o presidente do Conselho Editorial era o professor Sílvio Coelho dos Santos.

Passou a funcionar debaixo da rampa da Biblioteca Universitária (BU). O seu primeiro livro, editado em 1981, é *Henrique Lage e o desenvolvimento sul catarinense*, escrito pela professora Ondina Pereira Bossle.

Mais tarde a editora ficou instalada no antigo prédio da Fundação de Amparo à Pesquisa e à Extensão Universitária (Fapeu). Para consolidar o projeto, foi convidado o escritor e editor Salim Miguel, que ficou oito anos na direção. No seu lugar assumiu o atual diretor, professor Alcides Buss.

O prédio próprio foi conquistado em 31 de outubro de 1991, com apoio decisivo da Fundação Banco do Brasil. Era reitor o professor Bruno Schlemper Júnior e pró-reitora de Cultura e Extensão

são a professora Maria de Lourdes de Souza.

A EdUFSC deve muito à atenção recebida dos reitores Caspar Erich Stemmer, Emami Bayer, Rodolfo Joaquim Pinto da Luz, Antônio Diomário de Queiroz, Bruno Schlemper Júnior e Lúcio José Botelho, e respectivas equipes que souberam priorizar a cultura, dando o devido valor à política editorial da UFSC, hoje modelo no País. A Pró-Reitora de Cultura e Extensão e presidente do Conselho Editorial, Eunice Sueli Nodari, tem dado a devida prioridade aos projetos da Editora. Esse reconhecimento tem resultado em estímulo e integração das equipes.

A EdUFSC mantém atualmente duas livrarias no campus: Espaço Vital, no Centro de Comunicação e Expressão (Básico); e Espaço Cruz e Sousa (no térreo da sede). No lugar da livraria ambulante foi aberta a banca da revista universitária, instalada no corredor que leva à Biblioteca Central. Uma nova livraria pode ser inaugurada ainda neste ano no contexto das bodas de prata.



Ivan Panchiniak



Paulo R. da Silva



Fabian Mondini

Além do cargo de diretor executivo, a Editora tem um diretor administrativo (Ivan Panchiniak), um diretor editorial (Paulo Roberto da Silva), um gerente de Marketing (Fabian Mondini), um supervisor técnico-editorial (Aldy Vergés Malinque) e uma secretária executiva (Heloísa Hubbe de Miranda e Apolônio Antônio da Silva).



O prédio próprio da EdUFSC, inaugurado em 1991, foi viabilizado graças ao decisivo apoio da Fundação Banco do Brasil. (foto de James Tavares)

## A síntese

"A Editora foi o melhor projeto implantado na UFSC nos últimos 25 anos. Ela é a síntese do que aqui se pensa e se faz. Por isso, nenhum obstáculo impediria a sua consolidação, o seu crescimento e a destacada posição, entre suas congêneres, conquistada a partir do trabalho incansável de todos os que ajudaram a

construí-la. Muito mais que um ofício, foi uma honra ter assistido à sua criação. Hoje é difícil imaginar a Universidade sem a Editora".

(João Nilo Linhares - 1º diretor da EdUFSC)

## A primeira resenha não se esquece

Coincidentemente o primeiro livro da EdUFSC (*Henrique Lage e o desenvolvimento Sul Catarinense*, de Ondina Pereira Bossle), foi resenhado em 1981 pelo atual diretor da EdUFSC. Seguem trechos.

"As tentativas iniciais de exploração do carvão catarinense datam do tempo do Império. Foi o Visconde de Barbacena o primeiro a lançar-se nesse empreendimento, amparado por concessão do governo imperial em 1861. Dadas às dificuldades, entre elas a de transporte, os esforços de Barbacena se frustraram, levando-o a associar-se à firma Lage & Irmãos, do Rio de Janeiro. Daí para diante esta empresa, um grupo econômico com negócios espalhados por grande parte do

País, vai assumir os interesses relativos ao carvão catarinense. É dela também que vai emergir regionalmente o nome de Henrique Lage.(...)

Obviamente, o tema não se esgota no presente livro. Sobretudo porque deixa em branco as lutas, também com marchas e contramarchas, dos sofridos personagens secundários, quase sempre tidos como meros figurantes, mas sem os quais a peça não existiria: os simples trabalhadores do carvão, os mineiros. Esta é matéria para um outro livro. Quem se habilita?"

(Alcides Buss - Poeta e professor de Teoria Literária da UFSC)

## Oito anos na EdUFSC

"Maio de 1983: eu estava há um ano e pouco na Assessoria de Comunicação da UFSC, quando o Sardá me diz que o Reitor queria falar comigo. No gabinete, além do Professor Emami Bayer, o Pró-reitor Prof. Sílvio Coelho dos Santos. Foram direto ao assunto, João Nilo Linhares deixara a editora e eles queriam que assumisse a direção da mesma, devido à minha experiência. A editora funcionava num pequeno espaço sob a escada principal da Biblioteca Universitária. Aceitei, examinamos alguns aspectos e dei sugestões: passar para uma sede apropriada, admitir três ou quatro funcionários, fechar um convênio com a Fapeu. À época, poucas universidades tinham editoras, e seu âmbito de ação se restringia ao respectivo campus. Em contactos telefônicos sugeri um encontro e dele saiu a Associação Brasileira de Editoras Universitárias e o compromisso de cada editora ter um posto de venda que, além dos seus, vendesse livros das outras.

O parque gráfico da Imprensa Universitária estava defasado; um projeto encampado pela Fundação Banco do Brasil reequipou-o; algum tempo depois, outro projeto apoiado pela mesma Fundação possibilitou a sede própria da Editora. Frequentes seminários da ABEU ampliaram o campo de atuação das Editoras, que além de livros técnicos e didáticos criaram linhas de literatura, em que

eram aceitos originais fora do âmbito acadêmico.

Todo o trabalho da Editora se deve à seguinte equipe; Jussara Bayer, Narciso Policarpo, Antônio Luis de Lira, Carlos Manuel da Silva, Zeca Pires e Ailton Perrone. Contei sempre com o apoio dos reitores com quem trabalhei e dos membros do Conselho Editorial. Nesse período, a EdUFSC foi reconhecida como uma das mais importantes do País. Além de dar início a um programa de traduções e outro de co-edições, viabilizamos, com patrocínio da Nestlé, um Seminário Nacional de Poesia, e da Fiat a doação de um carro Fiorino para a Editora e patrocínio do projeto "O livro até você", que levou a diferentes municípios catarinenses escritores de Santa Catarina e do resto do Brasil.

Em 1988, junto com o presidente da ABEU, eu representei o Brasil na Feira Internacional do Livro de Guadalajara (México); em 1990 realizou-se no Campus de Florianópolis o primeiro Seminário Internacional de Editoras Universitárias da América Latina e do Caribe.

Maio de 1991: Dois meses antes da inauguração da sede própria eu pedei demissão do cargo, logo assumido pelo Professor e poeta Alcides Buss, que pertencera ao Conselho Editorial".

(Salim Miguel - 2º diretor)

[REDACTED]

FORNE NA DIREÇÃO EXECUTIVA DA EDITORA DA

U F R C EM 15/04/83

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

# O ESTADO

Florianópolis, quarta-feira, 15 de junho de 1983 - Ano 69 - N.º 20.620 - Edição de hoje: 28 páginas - Cr\$ 150,00

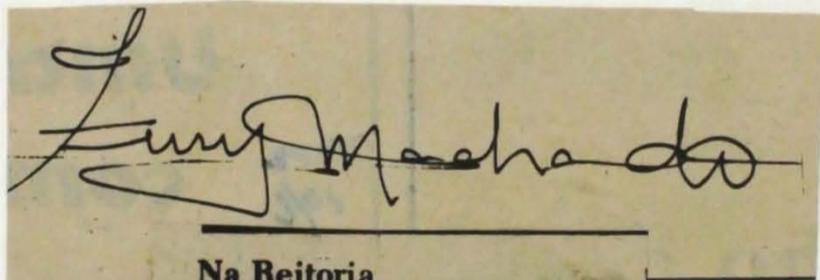
## INFORMAÇÃO GERAL

### BOAS MÃOS

A direção executiva da Editora da Universidade Federal de Santa Catarina continua em boas mãos. Sai João Linhares, que assume outro cargo; entra o jornalista e escritor Salim Miguel.

Salim assume as novas funções às 11 horas de hoje, em ato a realizar-se no gabinete do Reitor Ernani Bayer.

42  
JORNAL O ESTADO DIA 19/06/83



### Na Reitoria

Em ato presidido pelo Reitor Ernani Bayer, assumiu o cargo de diretor executivo da Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, o jornalista Salim Miguel.

# A Notícia

60 anos a serviço de Santa Catarina

Joinville, quinta-feira, 16 de junho de 1983

## Escritor vai dirigir editora

FLORIANÓPOLIS — O jornalista e escritor Salim Miguel assumiu ontem de manhã o cargo de diretor da Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, em ato presidido pelo reitor Ernâni Bayer e que contou com a participação de 80 pessoas, entre autoridades, escritores, professores e jornalistas.

O professor Ernâni Bayer lembrou que a editora já é um empreendimento concretizado, contando hoje com mais de 30 títulos publicados. Enfatizou o trabalho realizado pelo diretor João Nilo Linhares "na fase de implantação, que exigiu muita dedicação e apoio", e ressaltou que a designação de Salim Miguel deve ser interpretada como a certeza de que a editora terá o sucesso que já marcou seus primeiros dois anos". O professor João Nilo Linhares, que assumiu um cargo de direção no Inamps, observou que sem o apoio do conselho editorial e o modelo de gerenciamento implementado pelo pró-diretor Sílvio Coelho, de pesquisa e pós-graduação, a implantação da editora teria sido muito difícil.

Em rápidas palavras, o professor Sílvio Coelho disse que a editora é hoje um instrumento de que dispõe a Universidade para mostrar a sua potencialidade e produção. Acrescentou que entre os grandes resultados que a UFSC obteve nos últimos anos em termos de realização se inclui a editora.

Salim Miguel reiterou sua disposição de manter a editora em acentuado progresso. Observou,

contudo, que basta manter o atual ritmo de crescimento da editora, implementado pelo diretor João Nilo Coelho, para obter resultados significativos.

Criada em 1981, tendo como seu primeiro título uma obra da professora Ondina P. Bossle, "Henrique Lages e o desenvolvimento sul-catarinense", a Editora da UFSC já conta com mais de 30 livros publicados e o plano para este ano prevê 30 novos lançamentos.

São ensaios, estudos, teses, prosa e poesias abrangendo um universo bastante amplo da produção intelectual de Santa Catarina. E se até o momento a maioria dos títulos é da comunidade universitária, isto não significa que a editora não esteja aberta à comunidade em geral. Tanto assim que já foram publicados volumes de crônicas de Raul Caldas Filho (Delirante Desterro) e Flávio José Cardozo (Água do Ponte). E mais dois títulos acabam de ser aprovados para publicação este ano: Lindarmar, Romance de Guido Wilmar Sassi, finalista do Concurso Cruz e Sousa, e Este Mar Catarinense, seleção de contos de autores catarinenses.

Também na área de publicação de periódicos, a Editora da UFSC vem marcando sua presença. Cinco revistas estão circulando com regularidade nos campos das ciências humanas, ciências da saúde, literatura em língua inglesa, estudos jurídicos e políticos e literatura brasileira. Desta última, saiu uma publicação especial sobre os 50 anos da Semana de Arte Moderna. A editora funciona no andar térreo da Biblioteca Central, no "Campus" Universitário.

# O ESTADO

Florianópolis, quinta-feira, 16 de junho de 1983 - Ano 69 - N.º 20.621 - Edição de hoje: 30 páginas - Cr\$ 150,00

## Salim Miguel assume Editora da UFSC e fala no seu crescimento



O Reitor (dir.) destacou o trabalho realizado até aqui na Editora.

O jornalista e escritor Salim Miguel assumiu ontem de manhã o cargo de Diretor da Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, em ato presidido pelo Reitor Ernani Bayer e que contou com a participação de 80 pessoas, entre autoridades, escritores, professores e jornalistas.

O professor Ernani Bayer lembrou que a Editora já é um empreendimento concretizado que já conta hoje com mais de 30 títulos publicados. Enfatizou o trabalho realizado pelo Diretor João Nilo Linhares "na fase de implantação que exigiu muita dedicação e apoio" e ressaltou que "a designação de Salim Miguel deve ser interpretada como a certeza de que a Editora terá o sucesso que já marcou seus primeiros dois anos".

O professor João Nilo Linhares, que assumiu um cargo de direção no Inamps, observou que sem o apoio do Conselho Editorial e o modelo de gerenciamento implementado pelo Prô-Reitor Sílvio Coelho, de Pesquisa e Pós-Graduação, a implantação da Editoria teria sido muito difícil. Em rápidas palavras, o professor Sílvio Coelho disse que a Editora é hoje um instrumento de que dispõe a Universidade para mostrar a sua potencialidade e produção. Acrescentou que entre os grandes resultados que a UFSC obteve

nos últimos anos em termos de realização se inclui a Editora.

Salim Miguel agradeceu o convite do Reitor e reiterou sua disposição de manter a Editora em acentuado progresso. Observou, contudo, que basta manter o atual ritmo de crescimento da Editora, implementado pelo Diretor João Nilo Coelho, para obter resultados significativos.

Criada em 1981, tendo seu primeiro título uma obra da professora Ondina P. Bossle intitulada "Henrique Lages e o Desenvolvimento Sul Catarinense", a Editora da UFSC já conta com mais de 30 livros publicados e o plano para este ano prevê 30 novos lançamentos.

São ensaios, estudos, teses, prosa e poesias abrangendo um universo bastante amplo da produção intelectual de Santa Catarina. E se até o momento a maioria dos títulos é da comunidade universitária, isto não significa que a Editora não esteja aberta à comunidade em geral. Tanto assim que já foram publicados volumes de crônicas de Raul Caldas Filho (*Delirante Desterro*) e Flávio José Cardozo (*Água do Ponte*). E mais dois títulos acabam de ser aprovados para publicação este ano: *Lindamar*, romance de Guido Wilmar Sassi, finalista do Concurso Cruz e Sousa, e *Este Mar Catarina*, seleção de contos de autores catarinenses.



### Galinha na mesa

O escritor Salim Miguel foi homenageado ontem por amigos com uma galinha ao molhó pardo servida no almoço do *Petit Lanches*, em plena Rua Tiradentes. Estavam presentes: Paulo Dutra, Décio Bortolluzzi, Raul Caldas Filho, Edio Mello e o "Maneca da Banda". Túlio Carpes estava no bar mas não sentou à mesa.

O homenageado assumiu ontem o posto de diretor da Editora da UFSC, em solenidade realizada pela manhã, muito concorrida e prestigiada. Homenagem justa por sinal: é o tipo do cara certo, no lugar certo.

# JORNAL DE SANTA CATARINA

CATARINA, SEXTA-FEIRA, 17 DE JUNHO DE 1983

EXEMPLAR: Cr\$ 100



## Editora da Universidade Federal tem novo diretor

O jornalista e escritor Salim Miguel é o novo diretor da Editora da Universidade Federal de Santa Catarina. Ele foi empossado no cargo pelo reitor Ernani Bayer em ato que contou com a participação de autoridades, escritores, professores e jornalistas.

O professor Ernani Bayer lembrou que a editora já é um empreendimento concretizado que já conta hoje com mais de 30 títulos publicados. Enfatizou o trabalho realizado pelo diretor João Nilo Linhares "na fase de implantação, que exigiu muita dedicação e apoio" e ressaltou que a designação de Salim Miguel deve ser interpretada como a certeza de que a editora terá o sucesso que já marcou seus primeiros dois anos".

O professor João Nilo Linhares, que assumiu um cargo de direção no INAMPS, observou que sem o apoio do Conselho Editorial e o modelo de gerenciamento implementado pelo pró-reitor Sílvio Coelho, de Pesquisa e Pós-Graduação, a implantação da editoria teria sido muito difícil. Em rápidas palavras, o professor Sílvio Coelho disse que a editora é hoje um instrumento de que dispõe a universidade para mostrar a sua potencialidade e produção. Acrescentou que entre os grandes resultados que a UFSC obteve nos últimos anos em termos de realização se inclui a editora.

Salim Miguel agradeceu o convite do reitor e reiterou sua disposição de manter a editora em acentuado progresso. Observou, contudo, que basta manter o atual ritmo de crescimen-

to da editora, implementado pelo diretor João Nilo, para obter resultados significativos.

Criada em 1981, tendo seu primeiro título uma obra da professora Ondina P. Bossle intitulada "**Henrique Lage e o Desenvolvimento Sul Catarinense**", a editora da UFSC já conta com mais de 30 livros publicados e o plano para este ano prevê 30 novos lançamentos.

São ensaios, estudos, teses, prosa e poesias abrangendo um universo bastante amplo da produção intelectual de Santa Catarina. E se até o momento a maioria dos títulos é da comunidade universitária, isto não significa que a editora não esteja aberta à comunidade em geral. Tanto assim que já foram publicados volumes de crônicas de Raul Caldas Filho (**Delirante Desterro**) e Flávio José Cardozo (**Água do Pote**). E mais dois títulos acabam de ser aprovados para publicação este ano. **Lindamar**, romance de Guido Wilmar Sassi, finalista do Concurso Cruz e Sousa, e **Este Mar Catarina**, seleção de contos de autores catarinenses.

Também na área de publicação de periódicos a editora da UFSC vem marcando sua presença. Cinco revistas estão circulando com regularidade nos campos das Ciências Humanas, Ciências da Saúde, Literatura em Língua Inglesa, Estudos Jurídicos e Políticos, Literatura Brasileira. Desta última, saiu uma publicação especial sobre os 50 anos da Semana de Arte Moderna. A editora funciona no andar térreo da Biblioteca Central, no campus universitário.

# A GAZETA

Fundador Jairo Callado

Florianópolis, Domingo, 19 de Junho de 1983

ANO XLIX

NÚMERO 12.498

## Salim Miguel assume a Editora da UFSC

O jornalista e escritor Salim Miguel assumiu dia 17 o cargo de Diretor da Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, em ato presidido pelo Reitor Ernani Bayer e que contou com a participação de 80 pessoas, entre autoridades, escritores, professores e jornalistas.

O professor Ernani Bayer lembrou que a Editora já é um empreendimento concretizado que já conta hoje com mais de 30 títulos publicados. Enfatizou o trabalho realizado pelo Diretor João Nilo Linhares "na fase de implantação que exigiu muita dedicação e apoio" e ressaltou que a designação de Salim Miguel deve ser interpretada como a certeza de que a Editora terá o sucesso que já marcou seus primeiros dois anos".

O professor João Nilo Linhares, que assumiu um cargo de direção no Inamps, observou que sem o apoio do Conselho Editorial e o modelo de gerenciamento implementado pelo Pró-Reitor Sílvio Coelho de Pesquisa e Pós-Graduação, a implantação da Editora teria sido muito difícil. Em rápidas palavras, o professor Sílvio Coelho disse que a Editora é hoje um instrumento de que dispõe a Universidade para mostrar a sua potencialidade e produção. Acrescentou que entre os grandes resultados que a UFSC obteve nos últimos anos em termos de realização se inclui a Editora.

Salim Miguel agradeceu o convite do Reitor e reiterou sua disposição de manter a Editora em acentuado progresso. Observou, contudo, que basta manter o atual ritmo de crescimento

da Editora, implementado pelo Diretor João Nilo Coelho, para obter resultados significativos.

Criada em 1981, tendo seu primeiro título uma obra da professora Ondina P. Bossle intitulada "Henrique Lages e o Desenvolvimento Sul Catarinense", a Editora da UFSC á conta com mais de 30 livros publicados e o plano para este ano prevê 30 novos lançamentos.

São ensaios estudos, teses, prosa e poesias abrangendo um universo bastante amplo da produção intelectual de Santa Catarina. E se até o momento a maioria dos títulos é da comunidade universitária, isto não significa que a Editora não esteja aberta à comunidade em geral. Tanto assim que já foram publicados volumes de crônicas de Raul Caldas Filho (*Delirante DeSterro*) e Flávio José Cardozo (*Água do Ponte*). E mais dois títulos acabam de ser aprovados para publicação este ano: *Lindamar*, romance de Guido Wilmar Sassi, finalista do Concurso ruz e Sousa, e *Este Mar Catarina*, seleção de contos de autores catarinenses.

Também na área de publicação de periódicos a Editora da UFSC vem marcando sua presença. Cinco Revistas estão circulação com regularidade nos campos das Ciências Humanas, Ciências da Saúde, Literatura em Língua Inglesa, Estudos Jurídicos e Políticos, Literatura Brasileira. Desta última, saiu uma publicação especial sobre os 50 anos da Semana de Arte Moderna. A Editora funciona no andar térreo da Biblioteca Central, no Campus Universitário.

CRICIÚMA, 17, 18 e 19 DE JUNHO

# CORREIO do SUDESTE

## SALIM MIGUEL ASSUME A EDITORA DA UFSC



O professor Ernani Bayer lembrou que a Editora já é um empreendimento concretizado que já conta hoje com mais de 30 títulos publicados. Enfatizou o trabalho realizado pelo Diretor João Nilo Linhares "na fase de implantação que exigiu muita dedicação e apoio" e ressaltou que a designação de Salim Miguel deve ser interpretada como a certeza de que a Editora terá o sucesso que já marcou seus primeiros dois anos".

O professor João Nilo Linhares, que assumiu um cargo de direção no Inamps, observou que sem o apoio do Conselho Editorial e o modelo de gerenciamento implementado pelo Pró-Reitor Silvio Coelho, de Pesquisa e Pós-Graduação, a implantação da Editora teria sido muito difícil. Em rápidas palavras, o professor Silvio Coelho disse que a Editora é hoje um instrumento de que dispõe a Universidade para mostrar a sua potencialidade e produção. Acrescentou que entre os grandes resultados que a UFSC obteve nos últimos anos em termos de realização se inclui a Editora.

Salim Miguel agradeceu o convite do Reitor e reiterou sua disposição de manter a Editora em acentuado progresso. Observou, contudo, que basta manter o atual ritmo de crescimento da Editora, implementado pelo Diretor João Nilo Coelho, para obter resultados significativos.

- Criada em 1981, tendo seu primeiro título uma obra da professora Ondina P. Bossle intitulada "Henrique Lages e o Desenvolvimento Sul Catarinense", a Editora da UFSC já conta com mais de 30 livros publicados e o plano para este ano prevê 30 novos lançamentos.

- São ensaios, estudos, teses, prosa e poesias abrangendo um universo bastante amplo da produção intelectual de Santa Catarina. E se até o momento a maioria dos títulos é da comunidade universitária, isto não significa que a Editora não esteja aberta à comunidade em geral.

Tanto assim que já foram publicados volumes de crônicas de Raul Caldas Filho (Delirante Desterro) e Flávio José Cardozo (Água da Ponte). E mais dois títulos acabam de ser aprovados para publicação este ano: Linda mar, romance de Guido Wilmar Sassi, finalista do Concurso Cruz e Sousa, e Este Mar Catarina, seleção de contos de autores catarinenses.

Também na área de publicação de periódicos da UFSC vem marcando sua presença. Cinco Revistas estão circulando com regularidade nos campos da Ciências Humanas, Ciências da Saúde, Literatura em Língua Inglesa, Estudos Jurídicos e Políticos, Literatura Brasileira. Desta última, saiu uma publicação especial sobre os 50 anos de Semana de Arte Moderna. A Editora funciona no andar térreo da Biblioteca Cen-